



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA ROSANGELA DE ANDRADE

**CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA LATINA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

CAJAZEIRAS - PB

2023

MARIA ROSANGELA DE ANDRADE

**CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA LATINA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

A553c	<p>Andrade, Maria Rosangela de. Contribuições da língua latina para o ensino de língua portuguesa: uma proposta didática para o ensino 6º ano do Ensino Fundamental II / Maria Rosangela de Andrade. – Cajazeiras, 2023. 76. : il. Color. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Processo de formação de palavras. 2. Língua latina - Histórico. 3. Língua portuguesa - Percurso formativo. 4. Ensino. 5. Livro didático - Análise comparativa. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p>	CDU – 811.134.3
-------	---	-----------------

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MARIA ROSANGELA DE ANDRADE

**CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA LATINA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO NO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras

- como requisito para obtenção do título
de licenciado em Letras.

Aprovado em: 26/10/2023

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof.^a Dr.^a Adriana Sidralle Rolim de Moura
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 2)

*“Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
naqueles cujos olhos aprenderam a ver o
mundo pela magia da nossa palavra”.*

Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por me mostrar diariamente que devo sempre confiar na sua magnitude.

À minha família, especialmente meus pais, Ubiratã e Rosa, que me fizeram ser quem sou, me ensinaram os seus valores, a sua bondade. Mesmo diante da vida difícil que enfrentamos juntos, me incentivaram a estar aqui hoje. Por tudo e por tanto, gratidão!

Ao meu amado esposo, Rodolfo Silva, que ao longo dessa jornada não só me deu forças, mas todo o seu apoio para vencer essa e muitas outras etapas da minha vida. Obrigada por fazer os meus dias mais felizes e por ser o meu maior incentivador.

Ao meu orientador Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva, a quem dedico a minha admiração e apreço pela pessoa gentil e pelo exemplo de professor que é. Sou grata por todos os saberes e valores que compartilhou comigo e que foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Aos meus colegas da turma 2017.2, em especial, Ian Amaro e Reianne Carla.

À professora Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais, por marcar a minha jornada acadêmica com os seus ensinamentos e seu jeito tão amável e competente de exercer a docência.

A todos os professores(as) que estiveram presentes na minha trajetória, que me proporcionaram tantos aprendizados pessoais e profissionais.

Aos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse sonho. Gratidão!

RESUMO

Esta pesquisa pretende observar como o conhecimento sobre a língua latina e o percurso formativo da língua portuguesa são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, enfatizando como o estudo diacrônico pode ser promissor para a compreensão de algumas particularidades linguísticas que podem ser observáveis nos usos cotidianos. Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo geral promover uma análise comparativa de dois livros didáticos de língua portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental, o primeiro intitulado como “Português Linguagens”, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães que esteve vigente de 2017 a 2019; e o segundo “Língua Portuguesa” dos autores Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti com vigência de 2020 a 2023, para compreender como o processo de formação de palavras na perspectiva histórica da Língua Portuguesa foi abordado nesse material durante o período e quais possíveis mudanças podem ser observadas. Além disso, como objetivos específicos, pretendemos apresentar em linhas gerais uma contextualização de fatores históricos e suas influências na estrutura linguística desde o Latim Clássico até a formação da Língua Portuguesa no Brasil, assim como, elaborar uma proposta didática voltada ao 6º ano do Ensino Fundamental objetivando contribuir para o ensino e aprendizagem. Esta pesquisa, portanto, está situada em uma análise bibliográfica de cunho qualitativo, que tem como base as discussões teóricas já existentes sobre a origem da língua portuguesa, bem como do processo de formação de palavras e suas influências no ensino. Para tanto, utilizamos como principais suportes teóricos os estudos de Assis (2011), Bagno (2007), Coutinho (2011) e Teyssier (2001). A partir do desenvolvimento e contextualização de fatores históricos e suas influências na estrutura linguística desde o Latim Clássico até a formação da Língua Portuguesa no Brasil essa pesquisa teve como resultado alcançado uma sequência didática voltada ao 6º ano do Ensino Fundamental objetivando auxiliar o trabalho docente a partir da perspectiva histórica.

Palavras-chave: Processo de formação de palavras. Língua latina. Língua portuguesa. Ensino. Livro didático.

ABSTRACT

This research intends to observe how knowledge about the Latin language and the formative course of the Portuguese language are fundamental for the teaching and learning process, emphasizing how the diachronic study can be promising for the understanding of some linguistic particularities that can be observed in everyday uses. . In this sense, as a general objective to promote a comparative analysis of two Portuguese language textbooks of the 6th year of Elementary School, the first entitled “Portuguese Languages”, by the authors Willian Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães, which was in force from 2017 to 2019 ; and the second “Portuguese Language” by the authors Cibele Lopresti Costa and Greta Marchetti, effective from 2020 to 2023, to understand how the process of word formation in the historical perspective of the Portuguese language was addressed in this material during the period and what possible changes can be observed. In addition, as specific objectives, we intend to present in general lines a contextualization of historical factors and their influences on the linguistic structure from Classical Latin to the formation of the Portuguese language in Brazil, as well as, to elaborate a didactic proposal aimed at the 6th year of Teaching Fundamental in order to contribute to teaching and learning. This research, therefore, is situated in a bibliographical analysis of a qualitative nature, which is based on existing theoretical discussions about the origin of the Portuguese language, as well as the word formation process and its influences on teaching. For that, we used as main theoretical supports the studies of Assis (2011), Bagno (2007), Coutinho (2011) and Teyssier (2001). From the development and contextualization of historical factors and their influences on the linguistic structure from Classical Latin to the formation of the Portuguese language in Brazil, this research resulted in a didactic sequence aimed at the 6th year of Elementary School, aiming to help the teaching work to from the historical perspective.

Keywords: Word formation process. Latin language. Portuguese language. Teaching. Textbook natal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapa da expansão dos povos préromanos na Península Itálica – século XVII a.C.....	16
Figura 2	- Territórios conquistados pelos romanos.....	17
Figura 3	- Península Ibérica antes da chegada dos Romanos.....	26
Figura 4	- A Península Ibérica após o domínio romano.....	27
Figura 5	- Mapa com os povos que dominaram a península depois da queda do Império Romano (476 d.C.).....	28
Figura 6	- Território de Portugal após a independência.....	29
Figura 7	- Testamento de D. Afonso II.....	31
Figura 8	- Tradução do testamento de D. Anfonso II.....	31
Figura 9	- Capa do LD - Português Linguagens.....	39
Figura 10	- Sumário do LD: Unidades 1 e 2 – Português Linguagens.....	40
Figura 11	- Sumário do LD: Unidades 2 e 3 – Português Linguagens.....	40
Figura 12	- Sumário do LD: Unidades 3 e 4 – Português Linguagens.....	41
Figura 13	- Fonema e Letra – Português Linguagens.....	42
Figura 14	- Questionário.....	43
Figura 15	- Conceito de fonema e letra.....	44
Figura 16	- Capítulo 3 – Português Linguagens.....	45
Figura 17	- Flexão dos substantivos e adjetivos/questionamentos.....	46
Figura 18	- Conceituando – flexão dos substantivos e flexão dos adjetivos.....	48
Figura 19	- Regras para a flexão de número.....	49
Figura 20	- Capa do LD “Língua Portuguesa”.....	50
Figura 21	- Sumário do LD: unidades 1, 2 e 3 – Língua Portuguesa.....	51
Figura 22	Sumário: unidades 4, 5 e 6 – Língua Portuguesa.....	52
Figura 23	Sumário: unidades 7 e 8– Língua Portuguesa.....	53
Figura 24	Letra e fonema no livro “Língua portuguesa”.....	54
Figura 25	- Continuação - Letra e fonema no livro “Língua portuguesa”.....	55
Figura 26	- Seção <i>etc</i> e <i>tal</i>	56
Figura 27	- Flexão dos substantivos.....	58
Figura 28	- Flexão dos adjetivos.....	59
Figura 29	- Sugestões de anúncios.....	67

Figura 30 - Tirinha "O grama".....	68
Figura 31 - Anúncios publicitários.....	70

LISTA DE QUADROS E TABELA

Quadro 1	-	Períodos da língua latina.....	19
Quadro 2	-	Terminações do infinitivo no LC.....	25
Tabela 1	-	Declinações do latim.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- CFP - Centro de Formação de Professores
- IR - Império Romano
- LC - Latim Clássico
- LD - Livro Didático
- LL - Língua Latina
- LP - Língua Portuguesa
- LV - Latim Vulgar
- PB - Paraíba
- PI - Península Ibérica
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A LÍNGUA LATINA	16
2.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO LATIM CLÁSSICO E DO LATIM VULGAR	18
2.2 VARIEDADE DO LATIM VULGAR	20
2.3 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO LATIM	22
2.3.1 Os gêneros em latim	23
2.3.3 Sistema Verbal.....	24
3 CHEGADA DOS ROMANOS À PENÍNSULA IBÉRICA	26
3.1 TRANSIÇÃO LINGUISTICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS	30
4 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	33
5 O LATIM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	35
6 ANÁLISE COMPARATIVA DOS LÍVROS DIDÁTICOS	39
7 PROPOSTA DIDÁTICA: MÉTODO E PROCEDIMENTOS	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS.....	74

1 INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste trabalho deu-se a partir da percepção do quanto é imprescindível o conhecimento da história e evolução da língua portuguesa, doravante (LP), na formação docente e a sua relevância na aplicação em sala de aula para elucidar questões que se apresentam no processo de ensino e aprendizagem. O estudo da LP baseado na perspectiva histórica mostra-se produtivo e possibilita aos alunos ampliarem os seus conhecimentos linguísticos a respeito de fenômenos que são justificáveis pelo estudo diacrônico.

Nesse sentido, notamos ocorrências derivadas do processo de formação de palavras não conseguem ser explicadas apenas pela perspectiva sincrônica. A exemplo disso, o professor poderá se deparar com questionamentos do seguinte gênero: Por que a palavra personagem é um substantivo feminino? Discordando do uso comum “o personagem”. Por que o adjetivo relacionado ao substantivo porco é suíno e não “porquino” seguindo o mesmo processo de boi/bovino? O que justifica o acréscimo da desinência “e” na formação do plural?

Essas e outras situações podem ser explicadas pelo estudo diacrônico da língua. No entanto, o ensino ainda se apresenta amarrado ao viés normativo das gramáticas tradicionais favorecendo o surgimento de regras e exceções, dando margem para que o aluno não compreenda claramente alguns fenômenos da língua derivados desse processo evolutivo.

Nessa perspectiva, o livro didático, doravante (LD), apresenta-se como suporte para o direcionamento desse conhecimento. Por isso é relevante que o LD aborde a história da língua de forma que possibilite a compreensão de como fatores históricos influenciaram no processo de formação de palavras e como estão presentes atualmente.

A partir dessa premissa, nos questionamos como está sendo o tratamento da história da LP no LD, e se os fatores históricos estão sendo utilizados para fundamentar a contextualização dos fenômenos linguísticos em que são pertinentes. Com o enfoque nessas questões, o nosso trabalho tem como objetivo geral promover

uma análise comparativa de dois LD de LP do 6º ano do Ensino Fundamental, o primeiro intitulado como “Português Linguagens”, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães que esteve vigente de 2017 a 2019; e o segundo “Língua Portuguesa” dos autores Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti com vigência de 2020 a 2023, para compreender como o processo de formação de palavras na perspectiva histórica da LP foi abordado nesse material durante o período e quais possíveis mudanças podem ser observadas.

Para subsidiar essas análises, será feita uma contextualização de fatores históricos e suas influências na estrutura linguística desde o Latim Clássico, doravante (LC) até a formação da LP no Brasil. Além disso, esse trabalho tem como objetivos específicos elaborar uma proposta didática voltada ao 6º ano do Ensino Fundamental objetivando contribuir para o ensino e aprendizagem.

Diante disso, utilizamos uma metodologia de cunho bibliográfico que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54) é elaborada a partir de um material já publicado, compostos principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos, além de jornais, boletins, monografias, teses, tendo como objetivo colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre a temática da pesquisa.

Consoante a isso, a nossa pesquisa foi realizada a partir dos estudos de Assis (2011), que contribuiu com a compreensão a respeito história externa da língua latina, doravante (LL), Bagno (2007) que forneceu subsídios para a observação dos fatores internos da LL e dos principais aspectos estruturais que fomentaram a sua evolução linguística, Coutinho (2011) que também nos auxiliou na compreensão das estruturas contribuíram para a formação lexical da LP, Teyssier (2001) em que observamos os fatores político, social e linguísticos que contribuíram para a transformação da LL para LP, e outros.

Dessa forma, o nosso trabalho está dividido em sete capítulos. No primeiro, expomos as motivações, questionamentos que direcionaram a nossa pesquisa, os objetivos e a metodologia. O segundo trata dos fatores políticos e sociais que envolvem a história e evolução da LL durante a expansão do Império Romano (IR), assim como as particularidades estruturais da LL, nesse período. O segundo, aborda o seu Processo de formação da LP, tratando da chegada dos romanos à Península

Ibérica (PI) e a transição do galego-português à LP. O terceiro capítulo trata da chegada dos Portugueses ao Brasil, bem como da formação da LP no território brasileiro através do processo de catequização dos índios a partir da chegada dos jesuítas. O quarto capítulo propõe reflexões sobre o Latim e a sua importância para o ensino de LP no que se refere ao ensino contextualizado. O quinto capítulo apresenta a análise comparativa de dois LD do 6º ano do Ensino Fundamental II, verificando sua abordagem do processo de formação de palavras. O sexto capítulo propõe uma sequência didática para o sexto ano do ensino fundamental direcionada ao docente. Por último, temos as Considerações Finais, em que destacamos os resultados desta pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A LÍNGUA LATINA

A compreensão estrutural dos fenômenos que regem desde os processos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos de uma língua deve levar em consideração os fatores externos a ela que influenciaram diretamente nas suas transformações. Portanto, para edificar as discussões posteriores sobre o ensino de LP, faz-se necessário entender o trajeto percorrido pela LL, visto que a língua é um produto histórico e por isso o estudo diacrônico é imprescindível. Assim, neste capítulo descreveremos a origem do latim.

De acordo com Gonçalves e Basso (2010), o latim originou-se na península Itálica por volta do séc. VI a.C., na região do Lácio, a partir do século III a.C., o IR expandiu o seu território e conquistou as regiões do Oriente e do Ocidente itálico. Após a conquista românica na Península Itálica, a LL também se ampliou, passando a estar presente em outras regiões. E foi nesse âmbito que o Latim entrou em contato com outras línguas já existentes nesses territórios como o umbro, o osco, o etrusco e o grego. Nesse percurso, o IR implantou escolas e novos costumes nesses territórios. Assim, com a sobreposição da cultura romana instalada, a LL tornou-se a principal modalidade de comunicação entre esses povos.

Figura 1 Mapa da expansão dos povos préromanos na Península Itálica – século XVII a.C.



Fonte: Imagens Google (2023)¹.

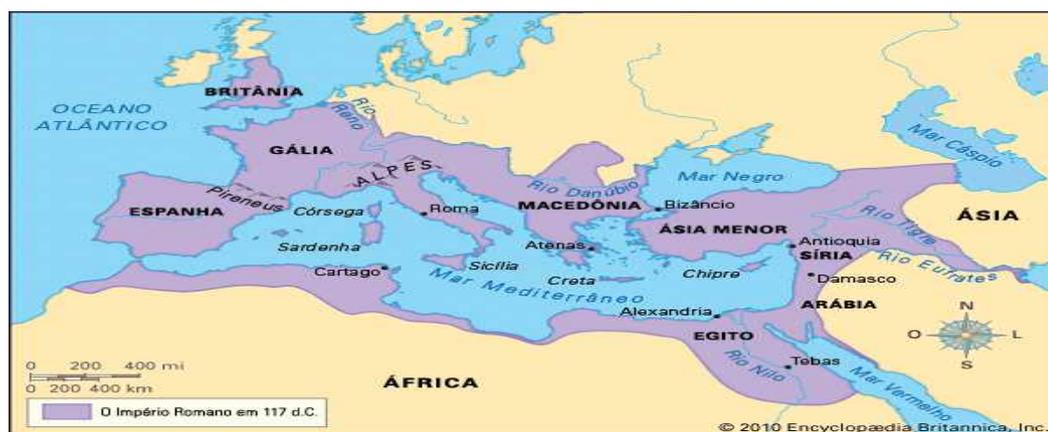
¹ Disponível em: https://www.flickr.com/photos/livro_didatico/3669827258. Acesso em: 4 jan. 2023.

No que diz respeito à dominação romana na península itálica, Gonçalves e Basso (2010) mencionam que essa expansão romana ocorreu por duas vertentes: conquistas territoriais internas, concomitantemente às conquistas externas, buscando ampliar as rotas comerciais no mar Mediterrâneo. Contudo, nesse trajeto de conquistas, encontraram forças resistentes.

Assim, nesse período surgiram vários conflitos entre Cartago e Roma, pois o controle do mar Mediterrâneo era dos cartagineses e por isso os romanos buscavam dominar essa região. Desses confrontos surgiram as três guerras púnicas que duraram desde 264 a.C. a 146 a.C., em que no final os romanos foram os vencedores.

A primeira guerra ocorreu entre os anos (264-241 a.C.), após Roma vencer Cartago, os cartagineses foram expulsos da Sicília, contribuindo para a ascensão dos romanos em seu comércio marítimo. Os povos decidiram, portanto, selar um acordo de paz, porém, com desconfianças geradas em ambos os lados, houve a segunda guerra em (218-201 a.C.). Dessa vez, Cartago se apresentou com um exército mais contundente e conseguiu fazer com que as forças romanas recuassem e se rendessem. A terceira guerra aconteceu em (149-146 a.C.), em que Roma conseguiu vencer definitivamente Cartago e, conseqüentemente, dominar o mar mediterrâneo. Com isso o IR obteve a conquista da Pl. A seguir, o mapa do território que foi conquistado pelos romanos.

Figura 2 - Territórios conquistados pelos romanos



Fonte: Imagens Google (2023)².

² Disponível em: <http://www.jurassico.com.br/aulas-de-historia/roma-antiga>. Acesso em: 5 jan. 2023.

Observamos, portanto, que o IR expandiu-se em grande proporção nesses territórios, desse modo, levaram consigo o seu idioma, transformando-o no principal instrumento de comunicação nos territórios conquistados. É importante considerar que os romanos ao levarem a LL aos povos dessas regiões, não impuseram diretamente a sua língua às pessoas, visto que os povos que lá habitavam podiam continuar utilizando o seu idioma, entretanto, para todas as negociações deveria ser utilizado o Latim.

A exemplo disso, a escola tinha suas aulas ministradas em LL, assim como, cerimônias religiosas do cristianismo e outras interações políticas e sociais também eram em Latim. Portanto, essa dominação linguística deu-se progressivamente através do prestígio que os Romanos apresentavam por meio do seu idioma e da necessidade que esses povos sentiam em fazer parte desse novo modelo social.

2.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO LATIM CLÁSSICO E DO LATIM VULGAR

Com a chegada dos romanos a esses territórios dominados, chegou não só um idioma, mas também uma cultura, Duarte (2003, p.18, tradução nossa) aponta que diziam os romanos: "*Ubi cumque lingua romana, ibi Roma*", o que se traduz como: "onde quer que esteja a língua romana ali estará Roma". Todavia o latim falado em Roma, assim como as demais línguas, não era regular, mas dividia-se em variantes. A exemplo disso, havia o *sermo nautae* (linguagem dos marinheiros), o *sermo rusticus* (a linguagem dos camponeses), *sermo nobilis* (linguagem dos nobres) assim como outras variedades que foram sendo marcadas linguisticamente através do contato com outros povos e outras culturas.

Nesse sentido, Assis (2011, p. 119) também enfatiza que o LC, chamado pelos romanos de *sermo urbanus*, era a língua literária, conservadora e resistente. Os primeiros registros do latim escrito datam de VII ou VI a.C. Já os textos literários terão marco a partir do século III a.C. Deste período, por exemplo, destaca-se o texto literário em latim: a tradução da Odisseia de Homero, feita pelo escravo Lívio Andronico, com objetivos educacionais. Outros textos também são registrados e

adaptados nesta época como as comédias de Plauto e Terêncio. O latim desse período é ainda considerado menos estilizado do que viria a ser posteriormente, quando a língua literária atinge o seu ápice criativo (I a.C. a II d.C.). O quadro abaixo apresenta uma breve sintetização a respeito desses períodos e suas influências no registro escrito:

Quadro 1 - Períodos da língua latina

Pré-Clássico	Do século VII a.C. ao século II a.C.	As inscrições mais antigas procedem do século VII a.C. Nos séculos III e II a.C., a literatura faz sua aparição, sob influência grega (Paulo, Terêncio).
Clássico	Do século II a.C. ao século II d.C.	A idade dourada da literatura latina.
Latim Vulgar	Do século II ao V d.C.	Em que se inclui a Vulgata de São Jerônimo e as obras de Santo Agostinho.
Período Medieval	Do século VI ao século XIV.	A literatura latina permanece e, surgem as línguas românicas.
Atual	Do século XV até os dias atuais.	Redescoberta do latim da idade dourada no Renascimento. O latim vulgar continua sendo usado pelos eruditos até o século XVII.

Fonte: Adaptado pelos autores (Araújo, 2016 p. 18).

Embora o latim possua as suas variedades de uso (Latim Clássico e Latim vulgar), as mudanças ocorridas diante do contato com outras culturas não ocorreram apenas no LV, é possível constatar no Quadro 1 que o contato com novos costumes levou a língua a modificar-se, especialmente na modalidade escrita do LC, com novos usos linguísticos e novas compreensões literárias em cada época. Isso ocorre porque a língua é um objeto social vivo e não permanece estática em relação à evolução de uma sociedade. A respeito dessas variedades linguísticas, do ponto de vista social, Coutinho (1968, p. 29-30) afirma que:

Diz-se latim clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo, numa palavra, por aquilo que Cícero chamava, com

propriedade, a urbanitas. Era uma língua artificial, rígida. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável. Chama-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano.

Desse modo, o LC e o LV apresentavam-se como vertentes da mesma língua, uma literária enquanto a outra popular. O LC predominava na elite, além de ser a língua utilizada nas escolas e academias. Nesse sentido, Perini (2016, p. 64) ressalta que o latim vulgar não era apenas a língua das classes populares, mesmo os aristocratas o falavam como língua cotidiana, mas o latim clássico, em contrapartida, era a única língua escrita aceitável.

Compreendemos, portanto, que essas variedades se designavam a âmbitos diferentes, tendo em vista que se incorporaram às práticas da oralidade, enquanto a outra manteve-se como língua rígida destinada aos registros escritos, por isso, em contrapartida ao que equivocadamente podemos conceituar a respeito desses usos, essas duas vertentes não estavam totalmente isoladas por classes sociais, pois o LV era falado por todos sem distinção, todavia a modalidade escrita era um recurso de poucos e, por isso, o LC era inacessível a todas as classes. Desse modo, as mudanças estruturais ocorridas na LL advêm das marcas das necessidades sociais ora expressadas através da língua, por isso, podem ser observadas na transição estrutural desde a LL até a LP mudanças decisivas para uma modificação lexical.

2.2 VARIEDADE DO LATIM VULGAR

O LV corresponde à variedade coloquial dos romanos que não dominavam a escrita, caracterizada pelas condições de lugar, pelos aspectos sociais e pela situação de fala em que estavam inseridos. O termo vulgar, portanto, emprega-se com o sentido de “popular”, referindo-se à língua falada e, em alguns casos, escrita em situações informais pela população romana, inclusive os aristocratas. De acordo com Melo (2020, p. 5),

foi uma variedade linguística que existiu em todas as épocas da língua latina que o afastava progressivamente da variedade do latim clássico; com a expansão do Império, tornava-se cada vez mais diversificado na medida em que se disseminava com o alargamento do vasto Império Romano Ocidental.

Segundo o autor, o LV apresentava-se em condições reais de uso e estava sujeito às mudanças linguísticas determinadas por diversos fatores extralinguísticos: épocas diferentes, condições geográficas, influências do contato com outras línguas, nível social e cultural de seus falantes. O processo de dialeção iniciou-se quando foi levado ao Noroeste da PI pelos romanos em 218 a.C. e se acentuou por volta de 27 a.C. “A romanização se seguiu, cinco séculos depois, em 441, a invasão dos suevos, povo germânico que dominou a região e adotou a língua ali falada, isto é, latinizou-se linguisticamente” (Faraco, 2019, p. 92). Isso justifica as variações da língua a partir das influências que aconteceram a partir das invasões decorridas na PI.

Nesse sentido, Spina (2008) enfatiza que o LV

[...] evidentemente se transformou com o tempo; entre uma conquista e outra muitas vezes decorriam séculos, e a língua imposta nas diversas regiões se apresentava, com certeza, distinta. Assim, o latim levado para a Península Ibérica, por exemplo, em 197 a.C. mais ou menos, deve ter sido mais arcaico que o levado para Dácia em 107 d.C. (Spina, 2008, p. 27).

Nessa perspectiva, o LV se tratava de uma variedade linguística heterogênea, favorável às variações e às mudanças que ocorreram, ao longo tempo e além dos aspectos sociais. Uma vez que a língua não é uma estrutura estática, por conseguinte, traz formas diferentes dependendo do seu tempo histórico de uso e do lugar onde é usada. Por isso é natural que as variações linguísticas sejam respeitadas.

Ademais, em virtude do contato constante com as línguas dos diversos povos dominados, o LV popularizou-se com a expansão do IR, tornando-se cada vez mais diversificado na medida em que era espalhada juntamente com o domínio militar a extensão territorial do Império. Por esses fatores, o LV tornou-se a matriz de todas as línguas românicas.

2.3 ASPECTOS ESTRUTURAIS DO LATIM

O latim é uma língua sintética, isto é, as diferentes estruturas morfológicas e funções sintáticas são expressas pela flexão por meio de terminações fixadas no final das palavras, indicando diferentes categorias sintáticas exercidas por elas na oração. Assim, inicialmente os nomes (substantivos, adjetivos e pronomes) agrupavam-se e distribuíam-se em cinco declinações, caracterizadas pelas terminações do genitivo singular.

Tabela 1 - Declinações do latim

1º	2º	3º	4º	5º
-ae	-i	-is	-us	-ei
poeta, ae	dominus, i	pater, is	fructus, us	dies, ei

Fonte: Silva (2010, p. 116).

As funções sintáticas, por sua vez, eram expressas por meio das desinências e distribuíam-se em seis casos, são eles: *nominativo*: sujeito, predicativo do sujeito; *genitivo*: adjunto adnominal; *dativo*: objeto indireto; *acusativo*: objeto direto; *vocativo*: chamamento; *ablativo*: agente da passiva e adjunto adverbial. Os casos, portanto, possuíam diferentes terminações. Dessa forma, poucas palavras eram suficientes para compor um enunciado em latim, por exemplo:

Liber petri.

O livro de Pedro.

Ao observar as duas sentenças acima, percebemos que a frase em latim se apresenta mais sintética em relação à frase em português, isso ocorre em virtude de a desinência no final dos vocábulos conter a marca morfológica dos casos e dispensar o uso de artigo e de preposição que estão presentes na frase em português. Nessa perspectiva, constatamos que o LC era mais conciso que a LP, pois é possível desenvolver o enunciado a partir de poucos vocábulos.

O sistema flexional nominal do LC, que marcava o número, o gênero e a função sintática dos nomes, já não estava mais presente em sua totalidade no LV. Segundo Coutinho (1968), essa redução na morfologia nominal foi proveniente da “confusão na fala popular do uso da 5ª declinação (*glacies, ei, ‘gelo’*) com a 1ª (*glacia, ae, ‘gelo’*) e

da 4^a (*fructus, us*, 'fruto') com a 2^a (*fructus, i*, 'fruto'), resultando um novo paradigma de três declinações no LV: 1^a, 2^a e 3^a Declinações”.

Sendo assim, com o aumento progressivo de uso do LV, ocorreu também o aumento da frequência de uso das preposições, principalmente para esclarecer o que se quer dizer, tendo em vista que com o desaparecimento progressivo de casos em detrimento das preposições infere-se que entre ambas as categorias existiam semelhanças suficientes para que houvesse essa substituição de maneira natural entre os falantes. Ainda seguindo o exemplo “*liber petri*”, podemos observar que no LV essa composição passou para a forma “*librum de petro*”, com o acréscimo da preposição “*de*”.

2.3.1 Os gêneros em latim

Segundo Bagno (2007, p. 30), no LC havia inicialmente três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro. O neutro (*ne uter*, “nem um nem outro”) era utilizado para designar seres inanimados ou aos que não se poderia atribuir nem o sexo masculino nem o feminino. Observamos que, embora o latim tivesse conservado o gênero neutro do indo-europeu, seu uso não era rigoroso, sobretudo no LV, e era comum os seres inanimados serem categorizados pelo gênero masculino e feminino, uma vez que gênero/sexo natural nem sempre corresponde ao gênero gramatical. Essa diferença que supostamente regia o indo-europeu, com o tempo, “logo perdeu todo vínculo com a realidade objetiva e o gênero se tornou uma categoria exclusivamente gramatical e, portanto, arbitrária” (Bagno, 2007, p. 30).

Por isso, nomes de seres inanimados passaram a ser classificados como gênero masculino ou como gênero feminino, a depender da origem da sua desinência, a exemplo disso existem diferenças entre palavras de origem latina e grega, como é o caso do s. *fem.* grama que vem do latim e o s. *masc.* grama que vem do grego. Essas duas composições morfológicas embora sejam iguais, e possuam a desinência “a” que em certos casos pode ser associada ao gênero feminino, possuem discrepâncias de significado e, principalmente, de origem.

Na mudança do LV para as línguas românicas, o gênero neutro foi desaparecendo. Ainda de acordo com Bagno (2007, p. 31), podemos considerar os seguintes fatores para essa mudança na morfologia nominal do latim:

- (i) Os nomes presentes na 1ª declinação eram quase todos femininos, possuindo a terminação *-a*, não havendo nomes neutros, motivo pelo qual essa terminação passou a designar os nomes femininos em português.

- (ii) Os nomes da segunda declinação eram, em sua maioria, masculinos e neutros. Logo, a terminação em *-o* (acusativo singular *-um* > *-u* > *-o*) acabou por se tornar a característica dos nomes masculinos; os neutros, por sua vez, devido à semelhança de sua desinência com os nomes masculinos, também passaram a esse gênero, como em *templum* > *templu* > *templo*. Quando no plural, em razão da terminação *-a*, houve confusões com o gênero feminino. Portanto, as palavras neutras plurais do Latim passaram a femininas singulares no português, como *folia* (neutro plural) –*folha* (feminino singular).

2.3.3 Sistema Verbal

A estrutura verbal do LC era regida inicialmente por quatro conjugações que eram identificadas a partir da sua forma no infinitivo. Contudo, assim como as outras estruturas presentes na língua, os verbos também sofreram mudanças ao longo do contato entre as línguas da PI.

Quadro 2 - terminações do infinitivo no LC

1ª CONJ.	2ª CONJ.	3ª CONJ.	4ª CONJ.
-are	-ēre	-ĕre	-ire

Fonte: Bagno (2007, p. 32).

Percebemos que a diferença entre as vogais temáticas da 2ª e da 3ª conjugações era apenas a quantidade da vogal (longa e breve) e isso possibilitou que os falantes não seguissem rigorosamente o seu uso. Essas conjugações, portanto, não conseguiram permanecer bem delimitadas ao ponto de gerar dúvidas no que diz respeito à localização de certos verbos.

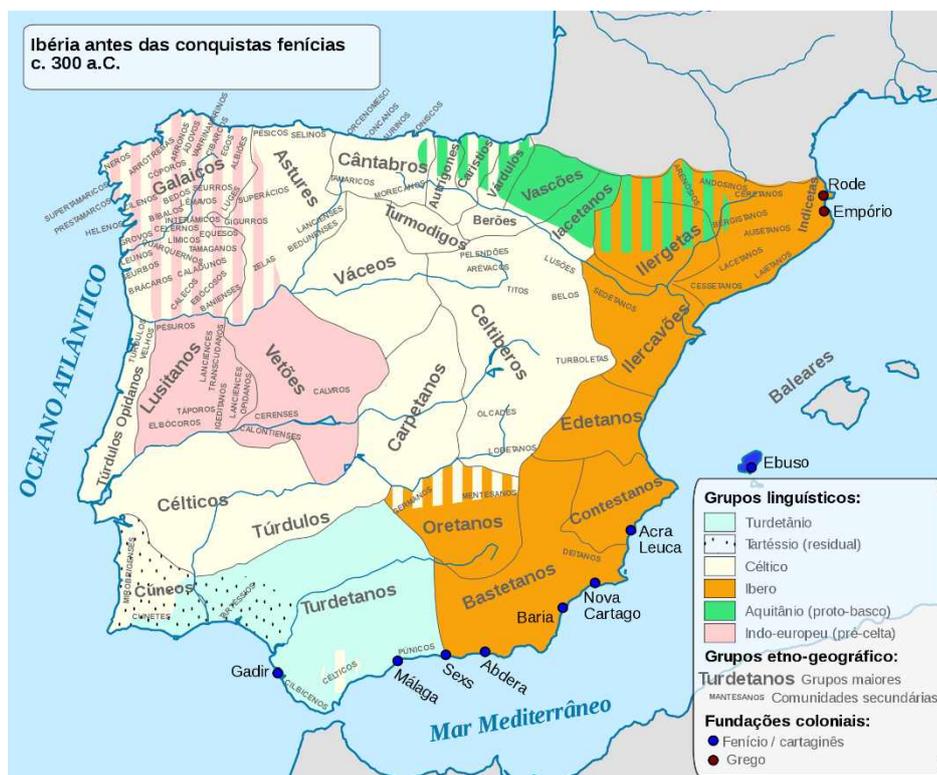
Segundo Bagno (2007), os verbos da terceira conjugação previsivelmente se confundiram com os da segunda e se realocaram nas outras conjugações, modificando o sistema verbal do latim. No que diz respeito a essas mudanças, podemos constatar que a primeira conjugação foi a mais resistente à evolução, uma vez que não perdeu os verbos que a constituía, entretanto, recebeu verbos da segunda e da terceira (*torrēre* > *torrare* > torrar). Já os verbos da terceira incorporaram-se quase que integralmente à segunda (*facēre* > *facēre*>*fazer*; *dicēre* > *dicēre*>*dizer*), alguns verbos da terceira passaram a pertencer à quarta, *fugēre* > *fugire*> fugir.

Nesse processo natural de evolução linguística, a terceira conjugação foi totalmente eliminada na PI, reduzindo, portanto, o paradigma das quatro conjugações a três: (-are), (-ēre), (-ire), que progrediu ao português resultando nas conjugações (-ar), (-er), (-ir).

3 CHEGADA DOS ROMANOS À PENÍNSULA IBÉRICA

A PI, assim como quaisquer outros territórios, antes da chegada dos romanos, era habitada por diversos povos, com suas línguas e suas culturas, que foram diluídas ao entrar em contato com outra língua e com os novos costumes dos romanos. A península dividia-se, anteriormente, entre os ibéricos e os celtas, e a sua centralização ocorria nas Gálias. Segundo Assis (2011), a PI foi invadida pelos celtas em meados do século VIII a.C. e em seguida, os celtas misturaram-se aos iberos, originando os povos celtiberos. Com o passar do tempo, outros povos como os fenícios, os gregos e os cartagineses formaram colônias em diversos pontos da península.

Figura 3 - Península Ibérica antes da chegada dos Romanos



Fonte: Imagens Google (2023)³.

Desse modo, o objetivo dos Romanos, ao invadirem a península, era expandir a territorialização e o poder do seu império, assim como ajudar os celtibéricos a

³ Disponível em: <https://www.pinterest.jp/pin/838021443136676707/>. Acesso em: 7 jan. 2023.

derrotar Cartago para também os impedir de expandir-se marítima e comercialmente na região. Como consequência, houve uma reestruturação na divisão territorial da península. Observemos na figura a seguir.

Figura 4 - A Península Ibérica após o domínio romano



Fonte: Imagens Google (2023) ⁴.

A reestruturação na divisão do território facilitou para a implantação da civilização romana, que organizou o seu comércio, construiu escolas e ampliou o serviço militar. Em vista disso, o latim tornou-se idioma oficial no comércio e em atividades oficiais da PI, contribuindo para uma miscigenação linguística e cultural. Assim, esses fatores foram imprescindíveis para a formação da LP, sobretudo a partir do século IV d.C., pois após o declínio do IR no ocidente (476 d.C.) os povos da península foram cristianizados e, conseqüentemente utilizavam o latim como sua língua principal.

Portanto, considerando os povos que ali já habitavam, o território foi dividido em duas províncias Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior nesse período. Dessa forma, inserindo o latim como principal idioma de comunicação, os romanos além de

⁴Disponível em: <https://www.vortexmag.net/descubracomosechamavaasuacidadenotempodos-romanos>. Acesso em: 5 jan. 2023.

consolidarem a sua língua nos novos territórios, também enraizaram a sua cultura, contribuindo para que a PI chegasse ao século V d.C. completamente romanizada.

Figura 5 - Mapa com os povos que dominaram a península depois da queda do Império Romano (476 d.C.)



Fonte: Imagens Google (2023) ⁵.

Em seguida, os bárbaros germânicos invadiram a PI em virtude da queda do império, alguns grupos germânicos dominaram o território como os suevos, os vândalos, os visigodos, alanos e outros povos bárbaros foram chegando gradualmente à região. Além disso, outros povos espalharam-se por toda PI como burgúndios, francos, saxões, alamanos, longobardos, normandos. Os suevos e os visigodos firmaram-se na península, e dominaram o território de 585 até 711. Com isso, juntaram-se aos romanos aderindo ao cristianismo, adotando-o como religião.

De acordo com Assis, (2011, p.118.), “Rodrigo, o último rei godo, lutou até 711 contra a invasão dos árabes, defendendo a religião cristã, tendo como língua o LV na sua feição hispano-românica”, contudo, no século VIII d.C., os árabes que vieram do norte da África, pelo estreito de Gibraltar e invadiram a Europa, tentaram estabelecer

⁵ Disponível em: <https://roberto-menezes.blogspot.com/2011/02/queda-do-imperio-romano.html>. Acesso em: 07 jan. 2023.

seus costumes e sua cultura aos povos que já habitavam à região, além disso, tentaram estabelecer o árabe como língua oficial nas regiões conquistadas, no entanto não conseguiram, mesmo depois de sofrer várias influências desses povos, a LL permaneceu como idioma oficial.

Após um longo período de várias lutas entre os habitantes da península a fim de repelir os mouros da região, somente em 1128 é que D. Afonso Henriques consolida a independência portuguesa, entretanto somente em 1139, depois de vencer definitivamente os mouros na Batalha de Ourique é que D. Afonso Henriques, tornou-se rei de Portugal. Assim, a delimitação e origem do território português deu-se por meio das batalhas de reconquista das terras que estavam sob o domínio dos árabes, assim como a instalação de grupos populacionais. Observe na Figura 6 o território português após a independência.

Figura 6 -Território de Portugal após a independência



Fonte: Imagens Google (2023)⁶.

Nessa perspectiva, com uma nova organização e administração do território português, a partir do final do século XV, Portugal iniciou um processo de expansão

⁶ Disponível em: <https://anaraquelvaz.blogspot.com/2014/01/estudar-para-o-teste-guia-de-estudo.html>. Acesso em: 15 maio 2023.

marítima e no início do século XVI chega ao Brasil, trazendo consigo seus costumes, sua ideologia e, principalmente, o seu idioma.

3.1 TRANSIÇÃO LINGUISTICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PORTUGUÊS

De acordo com Assis (2011), as primeiras palavras portuguesas surgem por volta do séc. IX, em documentos, ou em monumentos. Nesse período, o galego-português é a variedade linguística utilizada para escrever os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região. Nesse percurso, o galego-português consolidou-se como língua falada e escrita da Lusitânia.

Contudo, as interações entre os dialetos do norte com os moçárabes do sul intensificaram o processo de diferenciação do português em relação ao galego-português e, como resultado dessas discrepâncias, o galego foi absorvido pela unidade castelhana e o português tornou-se língua nacional de Portugal.

Esse português arcaico, proveniente do LV, possuía inicialmente caráter mais oral que escrito, tendo em vista que ainda não possuía normatizações. Por esse motivo, a escrita era essencialmente fonética, representando a língua falada assim como era utilizada, o que ocasionava uma enorme variedade de grafias. Segundo Teyssier (2001, p. 22), é somente “[...] na segunda metade do século XIII que se estabelecem certas tradições gráficas”.

Nesse sentido, os primeiros documentos escritos em português arcaico começam a surgir por volta do século XIII, no início do reinado de D. Dinis, quando a chancelaria adota o português como língua escrita. A exemplo desses documentos, podemos observar o Testamento de Afonso II:

Figura 7 - Testamento de D. Afonso II



Fonte: Assis (2011, p. 16).

Figura 8 - Tradução do Testamento de D. Afonso II

En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temête o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de me(us) filias e de me(us) uassalos e de todo meu reino fiz mia mōda p(er) q(ue) de/pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalos e todas aq(ue)las cosas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgācia. P(ri)meiram(en)te mōdo q(ue) meu filio infante don Sancho q(ue) ei da raina dona Orraca agia meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for/morto sen semmel, o maior filio q(ue) ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegram(en)te e en paz. E ssi filio barō nō ouuermos, a maior filia q(ue) ouuermos agia'o ...

glossário

Temête: temendo
Saude: salvação
Molier: (lat. *Muliere*) mulher
a proe: (lat. *prode*>*proe*) provelto

glossário

mōdo: testamento
sten: (de *estare*> *stent*) estejam
folgācia: (lat. *follicare*) descanso, tranquilidade
semel: (lat. *seminem*) semente, descendência

Fonte: Assis (2011, p. 17).

Apesar dos traços linguísticos entre o galego e o português se distanciarem continuamente, até o século XIV essas unidades ainda estão se definindo através de um processo de distanciamento em relação às outras línguas românicas; do século XV em diante, enquanto o português sofre mudanças que o direciona a um padrão

que terá como modelo a língua literária, na Galiza, o galego resiste apenas no uso oral.

Essa transição finaliza-se quando o poder e o saber, instalam-se em Lisboa, favorecendo o afinamento da norma em detrimento da tradição oral dos antigos Cancioneiros. Tornando-se cada vez mais necessário a afirmação das identidades nacionais e linguísticas que se juntam, neste período, à dinâmica da expansão marítima. Após essa abordagem, analisaremos no capítulo seguinte os aspectos formativos da LP no Brasil.

4 FORMAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Após as significativas mudanças políticas, sociais e econômicas ocorridas em Portugal, os portugueses iniciaram a sua exploração marítima buscando ampliar o seu poder econômico e territorial por meio de rotas comerciais. Assim, essa expansão esteve em seu ápice entre 1498 e 1543, ao tentarem contornar o continente africano para chegar ao Oriente. Com isso, no início do século XVI, os navios portugueses chegaram ao Brasil e mesmo com essa descoberta em abril 1500, somente em 1532 os portugueses iniciaram, de fato, o processo de colonização, fundando seus primeiros centros de ocupação no litoral brasileiro, e depois, em outras regiões do território.

Por conseguinte, em 1549, os jesuítas vieram ao Brasil com a missão de catequizar os índios, a fim de atenuar a discrepância linguística e as dificuldades de comunicação que havia entre eles e os portugueses. Neste sentido, é relevante destacar que o processo de educação trazido pelos jesuítas se baseava no latim, através de uma metodologia de memorização mecânica e de repetição.

O objetivo do ensino religioso, por sua vez, vestia-se das mesmas intenções dos Romanos outrora, pois a conquista através da crença tornar-se-ia mais fecunda, uma vez que, os nativos após serem catequizados possibilitariam um contato linguístico mais efetivo.

Desse modo, estabeleceu-se a língua geral, que se resumia ao tupi simplificado, que foi gramaticalizado pelos jesuítas e, adiante, tornou-se a língua comum. Contudo, o processo de introdução da LP aos indígenas não ocorreu de maneira simplória, pois, de acordo com Assis (2011, p.149) “[...] encontraram aqui algo entorno de 350 línguas diferentes”.

Embora os portugueses tenham imposto sua cultura, a rigidez dos seus costumes começou a ser imposta principalmente através do Marquês de Pombal (1759) que implantou reformas, expulsou os jesuítas e impôs a restrição do uso das variedades linguísticas.

A LP quando chega ao Brasil entra em contato com as línguas indígenas, além disso na catequese era utilizada a LL como ferramenta de ensino. Adiante, por volta da metade do sec. XVI, chegam ao Brasil os escravos vindos de várias regiões da

África, trazendo, portanto, línguas diferentes. Essas línguas entram em contato com a LP e, por conseguinte com as línguas indígenas e isso resulta na variação da LP no Brasil em detrimento da LP de Portugal. Assim, existia no Brasil uma imensa fragmentação linguística, que além da influência dos povos que já estavam em solo brasileiro, também foi influenciada pelos imigrantes que vieram ao país.

Após as questões sociais e econômicas arraigadas durante o período colonial, chega ao Brasil o príncipe D. João VI juntamente com a família real em 1808 tentando se refugiarem, após as invasões francesas a Portugal. Com isso, há também a chegada da imprensa no Brasil que influenciou diretamente no cenário da língua portuguesa. A língua escrita, portanto, passaria a ter um padrão estilístico fixado, avigorando ainda mais a necessidade de elitizá-la.

Adiante, o Rio de Janeiro recebe a monarquia de Bragança, fato que proporcionou desenvolvimento para a nação, acelerando o progresso material de cultura do Brasil. Dessa forma, com o regresso de D. João VI em 1821 a Portugal, a colônia estava pronta para a independência. Nesse sentido, Teyssier (2001, p. 64) aponta que:

Independente em 1822, o Brasil vai, naturalmente, valorizar tudo o que o distingue da antiga metrópole, particularmente as suas raízes índias. Deixar-se-á influenciar pela cultura da França e acolherá também imigrantes europeus de nacionalidade diversa da portuguesa. Alemães e italianos chegam em grande número, principalmente italianos. Como o tráfico dos negros africanos cessou por volta de 1850, e como os índios se diluíram na grande mestiçagem brasileira, essas vindas maciças de imigrantes europeus (sobretudo durante o período de 1870-1950) têm contribuído para “branquear” o Brasil contemporâneo. Em duas gerações, os novos habitantes aculturam-se e fundem-se na sociedade brasileira.

É nesse cenário de diversidades culturais, sociais e linguísticas que se desenvolve a LP no Brasil, propiciando a existência de uma série de níveis do “brasileiro”, condicionando as origens latinas às novas ocorrências linguísticas existentes no Brasil, dado os fatores que já foram mencionados anteriormente.

5 O LATIM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de LP a partir da ótica sincrônica supre, por vezes, as explicações de alguns fenômenos linguísticos que regem o processo de formação de palavras. Todavia, somente o estudo sincrônico não é suficiente, pautar o ensino exclusivamente nele é desconsiderar os fatores históricos que circundam a formação de palavras de uma língua, inibindo a possibilidade de uma compreensão linguística mais profunda. Assim, se o professor em suas aulas considerar que por trás das partículas gramaticais formativas de cada palavra estendemos a história, a análise linguística tornar-se-iam fluida e promissora. Portanto, com essa premissa, Serafim da Silva Neto (1956, p. 63) propõe uma reflexão

O estudo de uma determinada fase da língua, tal como se faz na gramática expositiva, por exemplo, pode comparar-se a uma fotografia. Mas, a par dessa observação sincrônica, podemos encarar globalmente o conjunto das fases de uma língua, traçando-lhe a história, desde a origem até a fase atual. Trata-se, neste caso, de estabelecer uma série de cadeias, ou de sincronias, tarefa que lembra o desenrolar de um filme. Esse estudo diacrônico é indispensável ao conhecimento da língua. Ele ensina-nos de tudo: tocado pela sua varinha mágica, cada vocábulo nos conta a própria história, cada forma repassa por todas as metamorfoses e, aos poucos, surgem na sua constância e regularidade as normas que presidiram à evolução do latim.

Nesse sentido, sendo o papel do ensino de LP contribuir para formação de um sujeito linguisticamente competente, é necessário focalizar o ensino de língua em seu caráter dinâmico, vívido, que foi transformado pelo percurso histórico de todos os sujeitos que o construíram até aqui e que permanecem moldando a sua estrutura a partir da história.

E, embora seja sabido que esse modelo é o mais adequado e produtivo, observamos ainda, no ensino, o uso demasiado da gramática normativa para explicar a morfologia, a sintaxe e a fonologia da LP. Os LD, que são o material norteador do professor e do aluno, também, dificilmente, tratam sobre a história da LP e, raramente quando ocorre, é de forma fragmentada, com algum conceito ou origem de uma ou outra palavra solta.

Esse perfil de ensino, mesmo transmitindo conhecimentos ora relevantes a respeito da língua, deixa algumas questões linguísticas e irregularidades a serem explicadas, uma vez que a gramática normativa só mostra como as palavras são estruturadas e as normas que uniformizam essas estruturas, a partir de uma perspectiva sincrônica, e não a formação sócio-histórica que as alicerçam.

Por isso, a gramática, ao destacar a uniformidade de algumas regras suprime as possibilidades de compreender os moldes históricos do processo de formação de palavras, não conseguindo explicar, por exemplo, o porquê de certas palavras possuírem determinada estrutura morfológica, determinada sonoridade e sentido, deixando dúvidas a serem esclarecidas e, possivelmente, um entendimento superficial desse processo.

Além disso, o LD, que em certas ocasiões é o único material de apoio do professor e do aluno, não sugere a exploração desse assunto, ou se tenta o fazer, dispõe de maneira fragmentada e com pouca coerência diante da complexidade e necessidade dessa abordagem. Por exemplo, o professor em sala de aula pode se deparar com situações em que surjam questionamentos como: por que palavras com estruturas completamente diferentes possuem semelhanças semânticas e não seguem o padrão estrutural de palavras correlacionadas? (ex.: o substantivo boi se correlaciona com o seu adjetivo que é bovino, mas o adjetivo referente ao substantivo porco não é porquino e sim, suíno/ o mesmo ocorre com boca= oral/bucal).

Assim, do porquê que em certas palavras o plural não segue uma estrutura única? (ex: o plural da palavra mão é mãos, enquanto a palavra pão, que é estruturalmente igual no singular a mão, não é pãos e sim pães). Ou do porquê que duas consoantes diferentes, em alguns casos, têm o mesmo som? Como é o caso das consoantes s e z, que, nas palavras vizinho e visita, possuem o mesmo som. Ou até uma mesma consoante representa sons diferentes dependendo da palavra (O som de X na palavra enxame, não é o mesmo som que na palavra exame).

O professor não vai encontrar as respostas para essas e outras possíveis indagações na gramática normativa, precisando, portanto, ter um conhecimento mais aprofundado sobre a história da LP, ou um apoio no material didático. Uma vez que, somente através da história de formação da língua portuguesa, é possível esclarecer

dúvidas pertinentes às raízes desses fenômenos linguísticos. Desse modo, torna-se relevante, nas práticas de ensino e aprendizagem, trabalhar o contexto histórico da LP, para estruturar melhor o entendimento da a diversidade morfológica da LP. Nesse sentido, Ribeiro (2015, p. 02) destaca:

É comum o estranhamento acerca de muitas palavras do português. Por que creme capilar, e não “cabelar”, aquário, e não “aguário”? É de conhecimento lato que o português é língua neolatina e, por isso, o latim marca presença constante na nossa língua corrente. Interrogações como essas têm a sua explicação na etimologia da palavra, que no caso é latina.

Por isso, para compreendermos a evolução da LP e os processos estruturais que são regidos pela sua história interna e externa, é essencial o conhecimento do latim, sobretudo porque é nele que estão as principais raízes da LP. Nesse sentido, compreende-se que o Latim e o ensino de Português são fundamentos que não devem se separar. Nessa mesma perspectiva, Boas e Hunhoff (2014, p. 04) explicam a importância do latim para o ensino/estudo do processo de formação de palavras na LP:

É grande a importância do Latim na origem e formação da Língua Portuguesa, e no uso atual do português. O Latim tem sua presença bem-marcada nos radicais de palavras atuais da Língua Portuguesa, que são usadas todos os dias pelos seus falantes. Exemplos: agri- que significa campo, palavra utilizada: agricultura; óculo- que significa olho, palavra utilizada: ocular; sapo- que quer dizer sabão, palavra utilizada: saponáceo; pater- que significa pai, palavra utilizada: paternal. Utilizamos essas e tantas outras palavras naturalmente, às vezes, sem saber que seu radical, ou o prefixo e sufixo são de origem latina. Não que isso seja necessário para se aprender a Língua Portuguesa, porém, com certeza, se o falante tivesse esse conhecimento muitas questões didático-pedagógicas ligadas ao ensino e à aprendizagem seriam elucidadas.

Assim, levar o latim para as aulas de LP tornaria a abordagem de ensino mais promissora, promovendo o embasamento e o entendimento do comportamento regular ou irregular de algumas estruturas morfológicas, cedendo o espaço para a criticidade analítica. Contudo, para essa perspectiva, é necessário descentralizar o ensino das análises sincrônicas isoladas, desprendidas da sua história.

Desse modo, o professor deve promover a produção e análises desses elementos, levando o aluno a confrontar-se com circunstâncias de aplicação das regularidades e irregularidades estudadas. Assim, é possível que as lacunas nas questões relacionadas às etimologias, ao processo de formação das palavras sejam atenuadas, e assim contextualizar o estudo de gramática, colaborando para o conhecimento maior e efetivo do léxico.

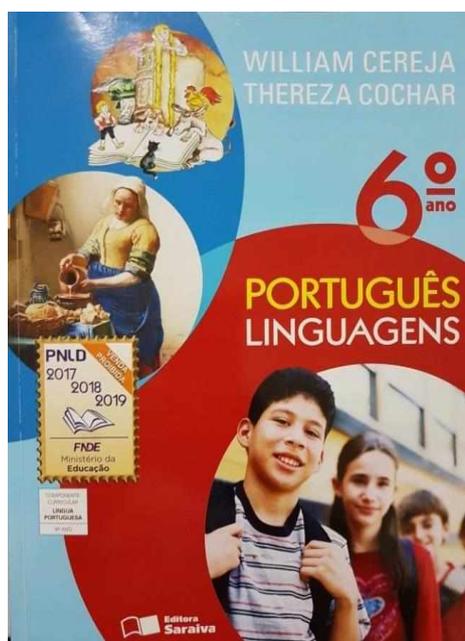
A partir das reflexões propostas, é possível compreender que é imprescindível que o aluno conheça a historicidade de sua língua materna e as suas influências na construção do léxico da LP para que, conseqüentemente, entenda a língua na sua amplitude estrutural, semântica e discursiva. Portanto, apropriar-se da história da língua, no que se refere ao léxico, possibilita a interação competente nos diversos campos da vida social de maneira analítica e efetiva.

6 ANÁLISE COMPARATIVA DOS LÍVROS DIDÁTICOS

A partir das reflexões propostas anteriormente será realizada, neste capítulo, uma análise comparativa de dois LD, o primeiro intitulado como “Português Linguagens, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães” que esteve vigente de 2017 a 2019; e o segundo “Língua Portuguesa dos autores Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti” exemplares do aluno referentes ao 6º ano do Ensino Fundamental II com vigência de 2020 a 2023, para que se possa compreender como o processo de formação de palavras da LP está sendo abordado e quais possíveis progressos ocorreram ou não durante esse tempo.

O primeiro livro analisado foi “Português Linguagens”, que circulou de 2017 a 2019. No que se refere aos seus aspectos estruturais, ele é composto por quatro unidades, que são: No mundo da fantasia; Crianças; Descobrimo quem sou eu; Verde adoro ver-te. E cada unidade se subdivide em quatro capítulos. Possuindo, portanto, 272 páginas. A seguir, acompanham as figuras expondo detalhadamente como os conteúdos estão dispostos, para que se possa dar seguimento à análise das suas propostas.

Figura 9 - Capa do LD - Português Linguagens



Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 10 – Sumário do LD: Unidades 1 e 2 – Português Linguagens

SUMÁRIO		UNIDADE 1 No mundo da fantasia	
CAPÍTULO 1		Era uma vez	
Ar três penat, Jacob Grimm			
Estudo do texto	13	Compreensão e interpretação	14
A linguagem do texto	14	Litura expressiva do texto	16
Travando ideias	17	Travando ideias	18
Produção de texto	18	O texto narrativo	19
A língua em foco	20	Linguagem oral e linguagem não verbal	21
Ou interlocutores	21	A língua	26
A linguagem e os valores	26	O código linguístico na construção do texto	27
Simbólico e discurso	28	De olho na escrita	28
Exercício e letra	29	Diálogo	30
CAPÍTULO 2		Pato aqui, pato acolá	
O patinho bonito, Marcel Coelho			
Estudo do texto	31	Compreensão e interpretação	34
A linguagem do texto	34	Litura expressiva do texto	36
Travando ideias	36	Travando ideias	37
Para escrever com propriedade	37	Produção de texto	38
A língua em foco	39	A variedade linguística	39
As variedades linguísticas	40	Normas gerais e variedades de prestígio	40
Variação linguística e preconceito social	41	Não seja e falar adequadamente	43
Tipos de variação linguística	43	As variedades linguísticas na construção do texto	44
Simbólico e discurso	44	Diálogo	45
CAPÍTULO 3		Ô príncesal Jogue-me suas...	
Carlum, Morillo			
Estudo do texto	53	O conto maravilhoso: de oral para o escrito	53
A língua em foco	53	De oral para o escrito	53
Travando ideias	53	Para escrever com propriedade	55
Produção de texto	55	O discurso: gênero do discurso	55
A língua em foco	56	Textos discursivos, gêneros do discurso	58
O texto discursivo	58	A intertextualidade discursiva	60
Os textos e os gêneros do discurso	61	A intertextualidade discursiva na construção do texto	61
Simbólico e discurso	62	Semântica e discurso	64
Diálogo	64	Processando o tempo	67
INTERVALO		Projetos: histórias de hoje e sempre	
UNIDADE 2		Crianças	
CAPÍTULO 1		O fazendeiro da cidade	
Menino de cidade, Paulo Mendes Campos			
Estudo do texto	74	Compreensão e interpretação	78
A linguagem do texto	78	Litura expressiva do texto	80
Travando ideias	80	Travando ideias	81
Para escrever com propriedade	81	Produção de texto	82
A língua em foco	82	História em quadrinhos (II)	83
O texto narrativo	83	A língua em foco	85
Classificação dos substantivos	85	O substantivo	91
O substantivo na construção do texto	91	Classificação dos substantivos	93
Simbólico e discurso	93	O substantivo na construção do texto	96
Diálogo	96	Semântica e discurso	97

Fonte:

Magalhães (2015).

Cereja e

Figura 11 – Sumário do LD: Unidades 2 e 3 – Português Linguagens

CAPÍTULO 2		Entre irmãos	
A mãe de Hana, Karen Levine			
Estudo do texto	99	Compreensão e interpretação	100
A linguagem do texto	100	Litura expressiva do texto	102
Travando ideias	102	Travando ideias	103
Produção de texto	103	História em quadrinhos (II)	103
A língua em foco	104	A linguagem dos quadrinhos	107
O diálogo	107	Para escrever com propriedade	108
A língua em foco	111	O diálogo	108
O adjetivo	111	A língua em foco	111
Classificação dos adjetivos	113	O adjetivo	111
O adjetivo na construção do texto	114	Classificação dos adjetivos	113
Semântica e discurso	115	O adjetivo na construção do texto	114
De olho na escrita	116	Semântica e discurso	115
Digital e encontro textual	116	Diálogo	117
Diálogo	118	UNIDADE 3	
CAPÍTULO 3		Descobrinho quem sou eu	
Ensaios de vida			
Cobra-vega, Giovanni Battista Torriglia			
Estudo do texto	119	CAPÍTULO 1	No frescor da inocência
Produção de texto	120	Rafael de mar, Cláudio Lispector	
História em quadrinhos (III)	120	Estudo do texto	140
Como se faz uma história em quadrinhos	120	Compreensão e interpretação	142
A língua em foco	123	A linguagem do texto	144
Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número	124	Litura expressiva do texto	144
Flexão dos substantivos	124	Travando ideias	144
Flexão dos adjetivos	124	Para escrever com propriedade	146
A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto	129	O diálogo	146
Semântica e discurso	129	A língua em foco	148
De olho na escrita	130	O grau dos substantivos e dos adjetivos	148
Exercício vocálico	130	Gêneros dos substantivos	149
Diálogo	131	Gêneros dos adjetivos	150
INTERVALO		CAPÍTULO 2	
Projetos: quadrinhos, ou também hoje!		O preço de pensar diferente	
		Zu Jora Alizola, Malala Yousofzai	
		Estudo do texto	
		Compreensão e interpretação	
		A linguagem do texto	
		Litura expressiva do texto	
		Travando ideias	
		Produção de texto	
		A carta pessoal	
		O diálogo	
		Para escrever com propriedade	
		A descrição	
		A língua em foco	
		O artigo	
		Flexão e classificação dos artigos	
		O artigo na construção do texto	
		Semântica e discurso	
		De olho na escrita	
		Exercício vocálico	
		Diálogo	

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 12 – Sumário do LD: Unidades 3 e 4 – Português Linguagens

CAPÍTULO 3 O eu que existe em mim		
	Verão de festa, Norman Rockwell	176
	Produção de texto	176
	Os gêneros digitais e suas linguagens multimídia	176
	Contexto	176
	Objeto	181
	Quadrantes	181
	Comunidade	186
	A língua em foco	196
	O gênero	196
	Classificação dos textos	207
	Ênfase dos conteúdos	208
	Classificação da construção do texto	208
	Intencionalidade	211
	De olho na escrita	211
	Atividade escrita e outras ações	217
	Exercícios de leitura, produção e preparação	217
	Revisão	218
	Passando a página	219
INTERVALO	Preparar-se também para a leitura	220
UNIDADE 4 Verde, adoro ver-te		
CAPÍTULO 1 Asas da liberdade?		
	Tatué criado no arado, Rubem Braga	232
	Produção de texto	232
	Compreensão e interpretação	232
	A linguagem do texto	236
	Temática literária	236
	Produção de texto	236
	O artigo de opinião	237
	A língua em foco	239
	O gênero	239
	Os processos e a ordem textual	241
	Classificação dos gêneros	249
	O gênero de construção do texto	249
	Intencionalidade	251
	De olho na escrita	257
	Atividade II	257
	Intencionalidade dos textos e das modalidades literárias	279
	Intencionalidade dos preparatórios	279
	Revisão	279
	Passando a página	280
INTERVALO	Preparar-se e estar atento, como no mundo	281
	BIBLIOGRAFIA	281
CAPÍTULO 2 A natureza pede socorro		
	A língua literária dos condados, revista Veja	288
	Quem são os animais ameaçados de extinção no Brasil, revista Época	288
	Produção de texto	288
	Compreensão e interpretação	288
	A linguagem do texto	296
	Intencionalidade	296
	Temática literária	296
	Produção de texto	296
	Os processos e a ordem textual	296
	A ordem textual	296
	A ordem textual	296
	A língua em foco	299
	O gênero II	299
	Ênfase dos conteúdos	301
	Ênfase dos conteúdos	301
	O gênero de construção do texto	301
	Intencionalidade	307
	Revisão	308
CAPÍTULO 3 Natureza do hibridismo		
	Cartum, Márcio Costa	316
	Produção de texto	316
	Compreensão e interpretação	316
	A linguagem do texto	321
	Quadrantes	321
	A língua em foco	326
	O gênero II	326
	Os processos	326
	Modelos de construção textual	326
	Intencionalidade	331
	De olho na escrita	334
	Atividade II	334
	Revisão	334
	Passando a página	334
INTERVALO	Preparar-se e estar atento, como no mundo	334
	BIBLIOGRAFIA	334

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

A análise está fundamentada no conteúdo presente na Unidade I – **No mundo da fantasia**, capítulo I – **Era uma vez**, na página 29 e 30, que trata sobre fonemas e letras, e do conteúdo presente na Unidade II – **No mundo da fantasia**, capítulo III – **Ensaio de vida**, da página 123 a 129, que tratam da flexão dos substantivos

e dos adjetivos, pois esses conteúdos fazem referência de maneira direta ao estudo do processo de formação de palavras. Todavia, todo o material foi esmiuçado buscando outros possíveis elementos que fizessem referência ao estudo contextualizado da LP a partir do latim. A seguir, a Figura 13 expõe a página em que se iniciam as discussões a respeito de fonema e letra.

Figura 13 - Fonema e Letra – Português Linguagens

de OLHO
na escrita

FONEMA E LETRA

Leia este anúncio:



(31º Anuário do Clube de Criação de São Paulo.)

1. Todo texto é produzido por alguém e para alguém; além disso, cumpre uma finalidade comunicativa.
 - a) Quem é o anunciante, no anúncio lido?
 - b) O que o anúncio promove ou divulga?
 - c) Levante hipóteses: Qual é o público-alvo desse anúncio?
2. Na frase "Faça de conta que o Masp está em Paris", o anunciante revela ter uma opinião sobre o turista brasileiro. Qual é ela?
3. No enunciado "Faça uma viagem. Visite o Masp", há ambiguidade, ou seja, há mais de um sentido possível. Quais são esses sentidos?
4. Pronuncie estas palavras do anúncio: **conta** **que**
 - a) Quantas letras cada uma delas apresenta?
 - b) Quantos sons cada uma delas tem?
5. Compare o som da letra **s** nas palavras **Masp** e **visite**. A letra **s** representa o mesmo som nas duas palavras? Por quê?

A unidade básica da comunicação verbal é a palavra, que pode ser dividida em unidades menores, como os sons e as sílabas.

Ao pronunciarmos a palavra **que**, produzimos dois sons: /k/ e /e/. Assim, embora essa palavra apresente na escrita três letras, na fala é constituída por apenas dois sons, já que as letras **qu** representam um único som: /k/. Na palavra **conta** ocorre algo semelhante. Embora tenha cinco letras, na escrita ela apresenta quatro sons, já que as letras **on** representam um único som nasal: /õ/.

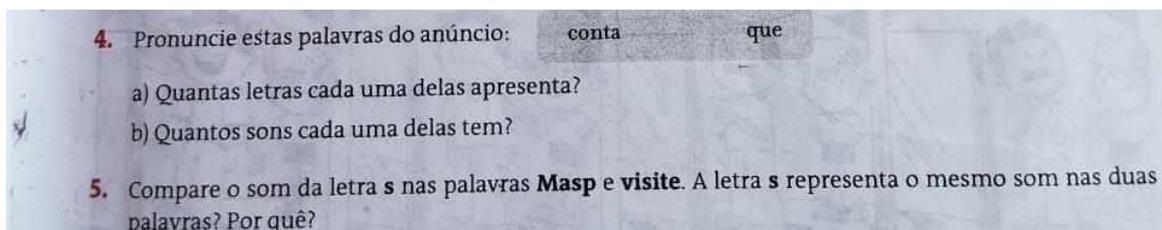
As unidades sonoras que constituem uma palavra são chamadas de **fonemas**. Tradicionalmente, os fonemas são simbolizados entre barras inclinadas. Os fonemas da palavra **faça**, por exemplo, são /f/ /a/ /s/ /a/.

Fonema é a menor unidade sonora de uma palavra falada.

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 29).

Percebe-se que nessa seção a abordagem para o conteúdo é trazida através de um exercício que explora a interlocução textual, a semântica, e destina apenas duas questões à discussão sobre fonemas e letras. Além disso, é possível observarmos que a quinta questão indaga sobre as diferenças sonoras entre o “s” da palavra “Masp” e “visite” mas não traz suporte para contextualizar ou embasar o entendimento para que o aluno possa construir uma resposta que se adeque ao “por quê” solicitado na questão. Observe na figura abaixo:

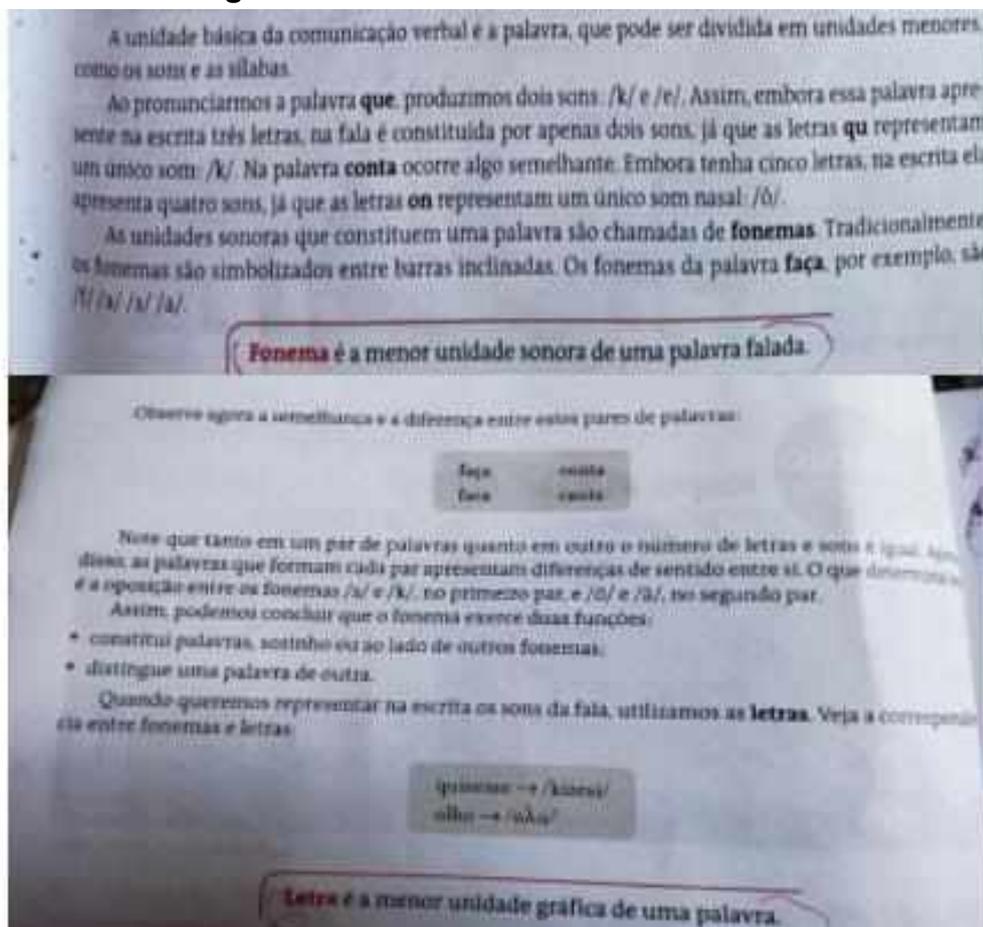
Figura 14 - Questionário



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 29).

Adiante, os autores Cochar e Cereja (2015, p. 29) apresentam conceituação de fonema e algumas ocorrências para justificar esse conceito, mas não há uma proposição que dê subsídios para as questões anteriores ou, que apresente uma abordagem baseada em evidências históricas a respeito dessas e outras variações fonéticas.

Figura 15 - Conceito de fonema e letra



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 29-30).

É possível observarmos, ainda, que a abordagem dessas ocorrências fonéticas é lacunar e não propõe um conhecimento que leve o aluno à reflexão do porquê que essas variações fonéticas ocorrem na LP. Pois, retornando às raízes latinas, por exemplo, compreende-se que a letra “s” representava no latim uma sibilante surda, [s], pois não existia o [z], que foi acrescentado a partir do contato com palavras de origem grega, assim o /s/ latino no meio de palavras evoluiu para /z/ na passagem para o português. Além disso, pode-se retomar a indagação feita no início da análise dessa seção a respeito do título “de olho na escrita”, em que não é possível localizar indicações coerentes que direcionem esse conteúdo às práticas de escrita.

Por conseguinte, o capítulo III intitulado como **Ensaio de vida**, localizado nas páginas 123 a 129, propõe-se a discutir sobre a flexão dos substantivos e adjetivos da LP. É sabido que nesse conteúdo faz-se necessário explorar os fenômenos gramaticais de forma contextualizada, pois, como exposto anteriormente, existem irregularidades presentes na língua que extrapolam a análise normativa. A seguir é possível observar como estão dispostos os tópicos dessa seção no sumário.

Figura 16 - Capítulo 3 – Português Linguagens

CAPÍTULO 3 Ensaio de vida	
	Cabra-cega, Giovanni Battista Torriglia 119
	Produção de texto 120
	História em quadrinhos (III) 120
	Como se faz uma história em quadrinhos 120
	A língua em foco 123
	Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número 123
	Flexão dos substantivos 124
	Flexão dos adjetivos 128
	A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto 129
	Semântica e discurso 129
	De olho na escrita 130
	Encontros vocálicos 130
	Divirta-se 132
	Passando a limpo 133
	INTERVALO Projeto: Quadrinhos: eu também faço! 136

Fonte: Cereja e Magalhães (2015).

Figura 17 - Flexão dos substantivos e adjetivos/questionamentos

A língua em foco

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS E DOS ADJETIVOS: GÊNERO E NÚMERO

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia o poema:

Lavradores no rio Weichuan

O pôr do sol resplandece
na aldeia.
O gado chega,
de volta pela trilha.
O avô, de bengala,
junto ao portão da vinha,
perto dos espinheiros,
espera pelo menino pastor.
Os faisões chamam.
O trigo flameja.
Nas amoreiras nuas,
dormem os bichos-da-seda.
Com enxadas nos ombros
os lavradores retornam.
Alegres, reencontram-se,
e jogam conversa fora.
Atrás dessa vida tranquila,
um dia aqui cheguei;
e, suspirando, lhe digo:
se tudo vai de mal a pior,
venha e fique também.



(Wang Wei: *Poemas clássicos chineses*. Tradução de Wang Wei. Porto Alegre: L&PM, 2012. p. 235.)

1. O poema descreve o final de um dia no campo. Qual substantivo indica esse momento?
2. No cenário descrito no poema, destacam-se seres dos reinos animal e vegetal em situações relacionadas a ações. Quais são os substantivos que designam esses seres?
3. O eu lírico também faz parte do cenário que descreve. Em que verso do poema isso fica evidenciado?
4. A quem o eu lírico se dirige no poema? Com que finalidade?
5. Veja, no verso 9, o plural de **faisão**. A palavra **portão**, empregada no verso 6, é pluralizada da mesma maneira? E as palavras **mão** e **pão**?

Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p.123).

Verificamos na Figura 17, que os autores trazem o gênero textual poema seguido de um questionário como proposta para “construir conceitos” a respeito da temática. Percebemos nitidamente que os autores além de utilizarem o texto como pretexto para localização de elementos e não uma construção de conceitos como é proposto no início da página, trazem, ao final do questionário, indagações sobre as

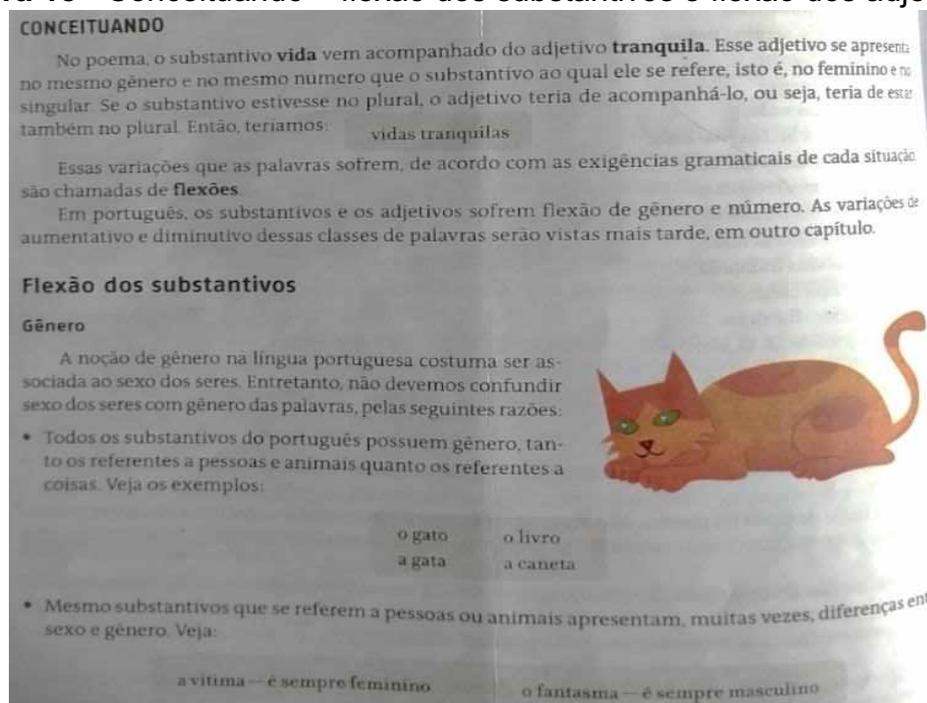
irregularidades dos plurais das palavras *faisão/faisões*, *portão/portões*, *mão/mãos* e *pão/pães*. A partir dessa pergunta espera-se que nas páginas posteriores sejam fornecidas mais informações sobre o processo de pluralização dessas palavras, contudo, não há indicações para construir esse conhecimento.

Por isso, o docente com o conhecimento histórico e domínio da língua materna, poderá suprir essa lacuna e trazer até o aluno o conhecimento histórico por trás do fenômeno que diferencia os plurais das palavras *mãos* e *pães*, explanando a respeito das declinações presentes do LC ao LV e que metaplasmos aconteceram para transformar o plural irregular dessa e de outras palavras.

De acordo com Bagno (2007, p. 8) os metaplasmos são mudanças na estrutura de uma palavra a partir dos sons que a compõe, eles podem ser de quatro tipos: por acréscimo, por supressão, por transposição e por transformação. Os metaplasmos por acréscimos caracterizam-se pela adição de segmentos sonoros, são esses: a prótese, a epêntese e a paragoge. Os metaplasmos por supressão, por sua vez, reduzem segmentos sonoros na palavra e distinguem-se entre aférese e deglutinação, síncope, apócope, crase e sinalefa. Os metaplasmos por transposição ocorrem quando há o deslocamento sonoro de uma palavra através da metátese e hipérese ou hiperbibasmo. Já os metaplasmos por transformação podem ser de oito tipos: vocalização, consonantização, nasalização, sonorização, palatização, assibilação, e apofonia.

Nessa linha de pensamento, uma sugestão de síntese explicativa para o questionamento a respeito dos plurais presente na Figura 17 poderia ser: tendo em vista que, a origem da palavra *pão* vem do latim *panis/panes* que gerou, por meio da forma *panem* (chamada acusativo), a forma *pan* (com apócope do *-m* e depois do *-e*). E no séc. XVI, possivelmente pela influência da pronúncia lisboeta, *pan* se tornou *pão*. Contudo, no plural, criou-se uma irregularidade, ao ponto que o acusativo dessa e outras palavras com mesmas terminações em sua origem tiveram todas as consoantes finais, com exceção do *-s* eliminadas por um metaplasmo chamado apócope, o que torna *mão* e *pão* estruturalmente semelhantes em seu singular, mas ao pôr essas palavras no plural, a materialização regressa à aos moldes da sua origem: *panes*> *pães*.

Figura 18 - Conceituando – flexão dos substantivos e flexão dos adjetivos



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 124-125).

Novamente é perceptível o quão os autores foram reducionistas ao introduzir essas informações sem a devida contextualização, suprimindo os principais fatores que corroboraram para o processo de formação dessas e de outras irregularidades na LP. Uma vez que, esses recortes trabalham a linguagem a partir de uma ótica limitada, que é enquadrar os usos dentro de moldes gramaticais postos e, sem brecha para alicerçar a compreensão do porquê dessas ocorrências linguísticas.

Ao tratar apenas essas regras de uso os autores não promovem o ensino e aprendizagem, pois sendo o LD uma ferramenta basilar, deve levar em consideração a diversidade de realidades em que serão trabalhados, pois, embora o docente tenha a liberdade de ir além do conteúdo do LD, alguns podem não possuir acesso às informações complementares através de outros suportes que norteiem o ensino contextualizado a partir da história da língua portuguesa. Haja vista que o livro é o seu suporte principal e que o ideal é que ocorra a contextualização histórica nas atividades propostas. Ademais, compreendemos a limitação dessas abordagens

propostas pelos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães no livro “Português Linguagens” que circulou durante os anos de 2017, 2018 e 2019.

Figura 19 - Regras para a flexão de número

Entretanto, o modo de formar o plural pode variar, dependendo da terminação das palavras. Veja:

- substantivos terminados em **-r, -s** ou **-z** → acrescenta-se **-es**:
radar — radares gás — gases noz — nozes
- substantivos terminados em **-l**, precedidos de **a, e, o, u** → substitui-se **-l** por **-is**:
jornal — jornais papel — papéis lençol — lençóis paul — paus

Atenção: **-il** (oxítonas): canil — canis fuzil — fuzis
-il (paroxítonas): projétil — projéteis réptil — répteis

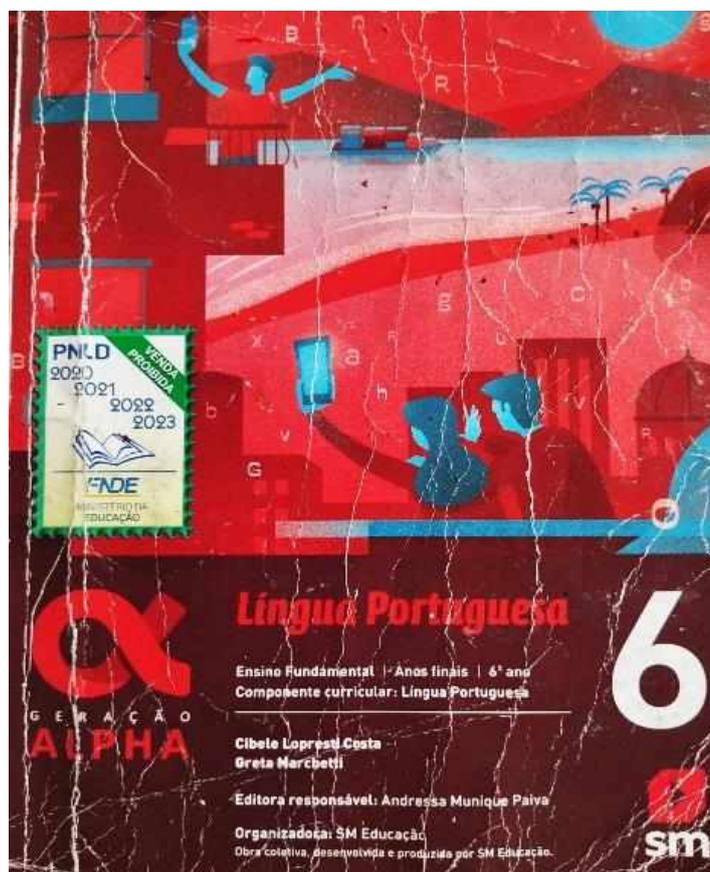
- substantivos terminados em **-ão** → substitui-se **-ão** por **-ãos, -ães** ou **-ões**:
mão — mãos pão — pães mamão — mamões
- substantivos terminados em **-zito, -zinho** → pluraliza-se a palavra-base e também a terminação:
anelzinho — anezinhos limãozinho — limõezinhos
- substantivos paroxítonos terminados em **-s** e **-x** → são invariáveis:
o pires — os pires o tórax — os tórax



Fonte: Cereja e Magalhães (2015, p. 126).

Tendo em vista a evolução das pesquisas linguísticas no que tange às proposições voltadas ao ensino, faz-se imprescindível a observação de como as propostas que devem trabalhar o ensino contextualizado da língua estão se comportando em uma edição mais atual do LD de LP. Por isso, será analisado adiante no livro “Língua Portuguesa dos autores Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti” do 6º ano do Ensino Fundamental II os respectivos conteúdos que foram observados no livro “Português Linguagens” a fim de comparar novas perspectivas para essas abordagens.

Figura 20 - Capa do LD “Língua Portuguesa”



Fonte: Costa e Marchetti (2018).

No que se refere à estrutura do livro, ele é composto por oito unidades, que são: Narrativa de aventura; conto popular; história em quadrinhos; notícia; relato de viagem e de experiência vivida; poema; biografia e anúncio de propaganda. Cada unidade se subdivide em dois capítulos em um total de 280 páginas. A seguir, acompanham as figuras expondo detalhadamente como os conteúdos estão dispostos no sumário.

Figura 21 – Sumário do LD: unidades 1, 2 e 3 – Língua Portuguesa
Fonte: Costa e Marchetti (2018).

Figura 22 – Sumário do LD: unidades 4, 5 e 6 – Língua Portuguesa

<p>4 Unidade</p>  <p>NOTÍCIA 105</p> <p>1. Giro da informação 108</p> <p> Texto: "Cientistas apresentam maior dinossauro do Brasil", de Roberta Jansen 108</p> <p> • Texto em estudo 110</p> <p> • Uma coisa puxa outra: Dinossauros no cinema 112</p> <p> Língua em estudo: Adjetivo 114</p> <p> • Atividades 116</p> <p> • A língua na real: O adjetivo na notícia 117</p> <p> • Agora é com você: Escrita de notícia 118</p> <p>2. Seis perguntas básicas 120</p> <p> Texto: "Entre cientistas do ano, uma brasileira" (<i>O Estado de S. Paulo</i>) 120</p> <p> • Texto em estudo 121</p> <p> Língua em estudo: O adjetivo e suas flexões 124</p> <p> • Atividades 126</p> <p> • A língua na real: O valor semântico da flexão dos adjetivos 127</p> <p> • Escrita em pauta: Sílabas tônicas e acentuação das oxítonas e das proparoxítonas 128</p> <p> • Agora é com você: Notícia radiofônica 130</p> <p>INVESTIGAR: As mulheres na ciência 132</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: "Babuíno fazem sons semelhantes às vogais a, e, i, o, u, diz estudo" (<i>Folha de S. Paulo</i>) 134</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 136</p>	<p>5 Unidade</p>  <p>RELATO DE VIAGEM E DE EXPERIÊNCIA VIVIDA 137</p> <p>1. Pelo mundo afora 140</p> <p> Texto: "Os piratas existem!", de Heloisa Schürmann 140</p> <p> • Texto em estudo 142</p> <p> • Uma coisa puxa outra: A viagem de Magalhães 145</p> <p> Língua em estudo: Artigo e numeral 146</p> <p> • Atividades 148</p> <p> • A língua na real: A determinação e a indeterminação em relatos 149</p> <p> • Agora é com você: Escrita de relato de viagem 150</p> <p>2. Experiências que marcam 152</p> <p> Texto: "Amyr Klink fez do prazer de viajar a sua profissão", de Amyr Klink (<i>Fantástico</i>) 152</p> <p> • Texto em estudo 155</p> <p> Língua em estudo: Interjeição 158</p> <p> • Atividades 159</p> <p> • A língua na real: A interjeição na construção de sentidos 160</p> <p> • Escrita em pauta: Acentuação das paroxítonas 162</p> <p> • Agora é com você: Relato oral de experiência vivida 164</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: "Transpatagônia", de Caio Steinberg 166</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 168</p>	<p>6 Unidade</p>  <p>POEMA 169</p> <p>1. Poesia e poema 172</p> <p> Texto: "Infância", de Carlos Drummond de Andrade 172</p> <p> • Texto em estudo 173</p> <p> • Uma coisa puxa outra: <i>Robinson Crusoe</i> 176</p> <p> Língua em estudo: Pronomes pessoais e pronomes de tratamento 178</p> <p> • Atividades 182</p> <p> • A língua na real: Os pronomes de tratamento e seus usos 183</p> <p> • Agora é com você: Reescrita de poema 184</p> <p>2. Cotidiano poético 186</p> <p> Texto: "Ritmo", de Mario Quintana 186</p> <p> • Texto em estudo 187</p> <p> Língua em estudo: Pronomes demonstrativos 190</p> <p> • Atividades 192</p> <p> • A língua na real: O pronome na coesão do texto 193</p> <p> • Escrita em pauta: Acentuação de hiatos e ditongos 194</p> <p> • Agora é com você: Escrita de poema 196</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: "Fotografia" de Ecaillon Ferraz 198</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 200</p>
---	---	--

Fonte: Costa e Marchetti (2018).

Figura 23 – Sumário do LD: unidades 7 e 8 – Língua Portuguesa

<p>7 Unidade</p> <p>BIOGRAFIA E ANÚNCIO DE PROPAGANDA... 201</p> <p>1. A vida em destaque 204</p> <p> Texto: "Chiquinha Gonzaga", de Edinha Diniz 204</p> <p> • Texto em estudo 206</p> <p> • Uma coisa puxa outra: O carnaval de antigamente 208</p> <p> Língua em estudo: Verbo 210</p> <p> • Atividades 213</p> <p> • A língua na real: Os usos de verbos no presente 214</p> <p> • Agora é com você!: Escrita de biografia 216</p> <p>2. A arte de engajar-se 218</p> <p> Texto: Anúncio de propaganda da Justiça Eleitoral 218</p> <p> • Texto em estudo 219</p> <p> Língua em estudo: Verbo: modo indicativo 222</p> <p> • Atividades 224</p> <p> • A língua na real: O modo indicativo no anúncio de propaganda 225</p> <p> • Escrita em pauta: Alguns casos de acentuação 226</p> <p> • Agora é com você!: Elaboração de anúncio de propaganda 228</p> <p>INVESTIGAR: Rotatória da televisão no Brasil 230</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: "Heitor Villa-Lobos", de Lily Amaro de Souza 232</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 234</p>	<p>8 Unidade</p> <p>ENTREVISTA..... 235</p> <p>1. Bate-papo com poesia 238</p> <p> Texto: "Cidade de Leitores", Leila Richers entrevista Bruna Beber 238</p> <p> • Texto em estudo 240</p> <p> • Uma coisa puxa outra: Gentileza gera gentileza 243</p> <p> Língua em estudo: Verbo: modo subjuntivo e modo imperativo 244</p> <p> • Atividades 247</p> <p> • A língua na real: O modo subjuntivo na construção de argumentos 248</p> <p> • Agora é com você!: Entrevista oral 250</p> <p>2. Conversa com escritor 252</p> <p> Texto: "Sinto falta de autores negros no Brasil, diz Ondjaki", de Daniela Castro 252</p> <p> • Texto em estudo 254</p> <p> Língua em estudo: Período composto por coordenação 256</p> <p> • Atividades 257</p> <p> • A língua na real: Relações de sentido entre orações coordenadas 258</p> <p> • Escrita em pauta: Emprego do <i>g</i> e do <i>j</i> 260</p> <p> • Agora é com você!: Entrevista escrita 262</p> <p>ATIVIDADES INTEGRADAS: Entrevista com Fernando Vilela, de Bruno Molinero 264</p> <p>IDEIAS EM CONSTRUÇÃO 266</p> <p>Interação: Grêmios Estudantil 267</p> <p> Feira de HQ 273</p> <p>Bibliografia 279</p> <p>Créditos obrigatórios 280</p>
--	---

Fonte: Costa e Marchetti (2018).

Neste ponto, a análise se direciona ao conteúdo presente na Unidade I – **Narrativa de aventura**, capítulo II – **Espaço de desafios**, nas páginas 32 e 33, que tratam sobre fonemas e letras, e de recortes feitos nos conteúdos presentes na Unidade III – **História em quadrinhos**, capítulo II – **O cotidiano em quadrinhos**, páginas 94 e 95, que tratam da flexão dos substantivos, assim como

na Unidade IV- **Notícia**, capítulo II - **Seis perguntas básicas**, páginas 124 e 125 que tratam da flexão dos adjetivos, tendo em vista que esses conteúdos foram os pontos de análise que alicerçaram as discussões anteriores.

Figura 24 - Letra e fonema no livro “Língua portuguesa”

ESCRITA EM PAUTA

LETRA E FONEMA

1. Observe as imagens a seguir.



a) No caderno, escreva as palavras com as quais nomeamos esses animais.
 b) Quantas letras cada uma dessas palavras apresenta?
 c) Quantos sons cada uma das palavras tem?

A **palavra** é a unidade básica da comunicação verbal e pode ser dividida em unidades menores, como **sílabas** e **fonemas**. Quando pronunciamos as palavras *pato* e *gato*, observamos que elas são muito parecidas. Ambas são formadas por quatro sons, e os três últimos são idênticos. A simples distinção no primeiro som dessas palavras gera a diferença de significado.

Observe, ainda, que o primeiro som de cada palavra é representado por letras diferentes: a letra *p* na palavra *pato* e a letra *g* na palavra *gato*.

ALFABETO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O alfabeto da língua portuguesa é composto de 26 letras. Algumas não faziam parte do nosso alfabeto, mas foram incorporadas à língua portuguesa recentemente. São elas *k*, *w* e *y*. Essas letras são usadas em palavras emprestadas de outras línguas (como *show*, de origem inglesa), em abreviaturas (*kg*) e em grafias de nomes estrangeiros (*Wellington*) ou palavras deles derivadas (*shakespeariano*). Embora *w* e *y* sejam consideradas consoantes, são letras que representam sons vocálicos.

ANOTE AÍ!

As **menores unidades sonoras** da língua capazes de estabelecer diferenças de significado entre as palavras são chamadas de **fonemas**.
 Os **sinais gráficos** utilizados para representar os fonemas são as **letras**.

2. Observe os nomes dos animais no quadro abaixo.

P	A	T	O
G	A	T	O
R	A	T	O

• No caderno, organize as palavras indicadas a seguir em dois quadros, de acordo com a semelhança dos fonemas. Assim como no modelo acima, acrescente uma palavra em cada um dos quadros que apresente apenas um fonema diferente das demais.

mola tela cola sela

Os fonemas são representados entre barras inclinadas. Assim, na palavra *pato*, temos os seguintes fonemas: /p/ /a/ /t/ /o/.

Note que o número de letras e fonemas da palavra *gato* é igual, bem como o das palavras da atividade 2. No entanto, o número de letras e o número de fonemas nem sempre correspondem. Para descobrir mais sobre esse assunto, faça as atividades a seguir.

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 32).

Figura 25 - Continuação - Letra e fonema no livro “Língua portuguesa”

3. Os objetos abaixo foram representados por meio de ilustrações. Escreva no caderno o nome de cada um deles.



• Releia as palavras que você escreveu. Em seguida, analise-as e responda: Quantos fonemas há em cada uma delas?

4. No caderno, copie as letras das palavras abaixo que representam o primeiro fonema da palavra *sapo*.

passarinho	sítio	nascer	exceto
sela	ciúme	sótão	açúcar

5. A letra x pode representar diferentes fonemas. Copie as palavras a seguir, agrupando-as de acordo com o fonema que a letra x representa.

xícara	enxuto	exame	experiência
exemplo	excelente	ameixa	exagero

ANOTE AÍ!

Um único **fonema** pode ser representado graficamente por uma ou por mais de uma letra. Uma mesma **letra** pode representar diferentes fonemas.

ETC. E TAL

Palavras se modificam com o tempo

Os sons das palavras sofrem mudanças ao longo da história de uma língua, assim como sua escrita. A mudança dos sons recebe o nome de *metaplasmo*. Vejamos abaixo alguns exemplos de palavras do latim que tiveram seus sons e escrita modificados, dando origem aos vocábulos conhecidos hoje em língua portuguesa:

<i>nocte</i> > noite	<i>male</i> > mal	<i>lupu</i> > lobo
<i>regno</i> > reino	<i>bonu</i> > bom	

Assim como os sons, a escrita também muda. No entanto, nem toda mudança ortográfica é motivada pela mudança no som. O trema é um exemplo disso. Antes do Novo Acordo Ortográfico, em vigor desde 2009, palavras como *linguística* e *frequência* eram grafadas com trema, indicando, nas sequências *que/gui* ou *que/qui*, que o som do *u* deveria ser pronunciado. Na nova ortografia, o trema não é mais utilizado, com exceção de nomes próprios estrangeiros, como Müller. Essa norma, porém, não é reflexo da mudança na sonoridade das palavras, que permanecem com a mesma pronúncia.



Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 33).

Nas figuras acima, é perceptível que os autores iniciam suas percepções na página 32, levando os alunos a construírem os conceitos a respeito de letra e fonema a partir de um breve questionamento e, em seguida apresenta sucintamente o conceito gramatical desses elementos. Notamos ao lado que há uma seção que traz

informações a respeito do alfabeto da língua portuguesa e algumas minúcias sobre a historicidade de algumas letras. Nesse ponto, há uma sinalização da intenção de contextualização de fatores relevantes à construção de conhecimentos, embora a abordagem da temática ainda se apresente lacunar.

Na página seguinte, deve-se designar o foco à seção “*Etc. e Tal*”. Corroborando às expectativas da sinalização na página anterior, os autores fazem pela primeira vez uma abordagem contextualizada a partir do latim. Contudo, é necessário analisar a coerência dessas propostas a partir do recorte feito na figura abaixo.

Figura 26 - Seção *etc e tal*



Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 33).

Os autores iniciam a proposta trazendo a concepção diacrônica a partir do latim e com isso, apresentam superficialmente o conceito de metaplasmos. Em seguida, exibem algumas palavras fazendo um comparativo entre suas formas no latim e sua forma atual. Contudo, observamos que os processos fonológicos que ocorreram nessas palavras não foram apenas um. Por exemplo, nas palavras *nocte* – *noite* houve uma vocalização, que é a transformação de um fonema consonantal em um fonema

vocálico, enquanto nas palavras *male* – mal aconteceu uma Apócope, que é o apagamento de um fonema em final do vocábulo. Nesse espaço, já que foi apresentado o conceito de metaplasmos e por conseguinte algumas palavras para exemplificá-lo, seria pertinente diferenciar, mesmo que sucintamente, os fenômenos que aconteceram entre elas, proporcionando o saber que existe em diferentes processos fonológicos que são chamados de metaplasmos, para que não se confunda as ocorrências como um fenômeno só.

Adiante, mistura-se à conceituação de metaplasmos, inferências sobre acentuação, especificamente sobre o trema e, por conseguinte sobre o Novo Acordo Ortográfico de 2009. Assim, notamos que os autores destinam um espaço ao estudo não contextualizado a partir das origens da LP, resgatando noções sobre processos linguísticos que só podem ser observados a partir da diacronia, conseqüentemente, da evolução histórica. Embora esses conceitos apareçam de maneira desarmônica, pois são tratados diversos temas em um único espaço, acarreta uma sobrecarga de informações e, portanto, uma incompreensão desses conceitos. Seria adequado que apresentassem essas noções de maneira descompactada para que propicie uma discussão mais coerente sobre o assunto.

Mais a diante, serão apresentados recortes feitos na unidade III e IV para que possamos observar os conteúdos Flexão do Substantivo e Flexão do Adjetivo, que foram averiguados no livro “Português Linguagens” e que também serão verificados no livro “Língua Portuguesa”.

Figura 27 - Flexão dos substantivos

LÍNGUA EM ESTUDO

O SUBSTANTIVO E SUAS FLEXÕES

FLEXÃO DE GÊNERO

1. Leia com atenção o trecho de HQ a seguir.

Charles M. Schulz, A vida e um jogo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

As personagens Charlie Brown e Lucy estão jogando baseball, mas repentinamente a partida é interrompida em um momento decisivo, e os dois têm uma discussão inesperada, gerando um efeito de humor na história.

- Por que Lucy deixou a bola cair no momento decisivo da partida?
- O que ela explica a Charlie Brown?
- Qual é a razão do suspiro de Charlie Brown no último quadrinho?

Quando escolhermos relacionar uma palavra no masculino ou no feminino, estamos fazendo uma flexão de gênero.

NOTA III

Na língua portuguesa, os substantivos admitem dois gêneros: **masculino** e **feminino**. Pertencem ao gênero masculino os substantivos que podem ser anteceditos pela palavra **o**. Exemplos: o jogo, o menino, o bone, o amor.

Pertencem ao gênero feminino os substantivos que podem ser anteceditos pela palavra **a**. Exemplos: a menina, a lua, a bola, a felicidade.

Substantivos **biformes** são aqueles que apresentam uma forma para o masculino e outra para o feminino, como ocorre nestes exemplos: o herói/a heroína, o homem/a mulher, o pai/a mãe, o ator/a atriz, o irmão/a irmã, o imperatriz, o genro/a nora.

Substantivos **uniformes** são aqueles que podem designar tanto o gênero masculino como o feminino, como é o caso de o peixe, o hipopótamo, a cobra, a criança, o indivíduo, o/a adolescente, o/a paciente, o/a dentista, o/a artista, o/a estudante, o/a pianista.

RELACIONANDO

A utilização dos substantivos **homem** e **mulher** (ou dos correspondentes em inglês, **man** e **woman**) para nomear personagens de histórias em quadrinhos é bastante comum, principalmente para se referir a super-heróis. Exemplos: Super-Homem, Mulher-Maravilha, Batman, Homem-Borracha, Homem-Aranha, Mulher-Invisível, Aquaman, Mulher-Gato e Homem de Ferro.

FLEXÃO DE NÚMERO

Quanto ao número, os **substantivos** podem ser flexionados de dois modos.

- **No singular**, quando indicam um único ser ou um conjunto de seres, como *estação, ramalhão, povo, monumento, ave* e *forçada*.
- **No plural**, quando indicam mais de um ser ou mais de um conjunto de seres, como *estações, ramalhões, povos, monumentos, aves* e *forçadas*.

A formação do plural ocorre, em geral, com o acréscimo da letra **s** ao final dos substantivos. Alguns substantivos, porém, formam o plural de diferentes maneiras, de acordo com a terminação da palavra.

FLEXÃO DE GRAU

2. Observe, a seguir, a tira de Calvin e Haroldo.

© Bill Watterson: Calvin e Haroldo. Acervo do autor.

- O que indica o substantivo *dadozão* em relação a *dado*? E o substantivo *dedão* em relação a *dado*?
- Como se diz "dadozão pequeno" com apenas uma palavra? E "dedo grande"?
- Por que a mãe de Calvin não deu atenção à queixa do filho?
- As palavras *dadozão* e *dedão* têm sentido literal quando usadas por Calvin na tira? Explique sua resposta.

A flexão de grau ocorre, em geral, quando são assinaladas as variações de tamanho dos seres. Os **substantivos** apresentam-se em três graus.

- **Grau normal**: bola, peixe, cachorro.
- **Grau aumentativo**: bolona, peixão, cachorrão.
- **Grau diminutivo**: bolinha, peixinho, cachorrinho.

Em geral, para assinalar o grau diminutivo, acrescentam-se aos substantivos as terminações **-inho/-inha** ou **-zinho/-zinha**. Para marcar o aumentativo, na maioria das vezes, acrescenta-se a terminação **-ão/-ona**. No entanto, a flexão de grau dos substantivos pode ser também indicada de outras formas. Veja os exemplos na tabela a seguir.

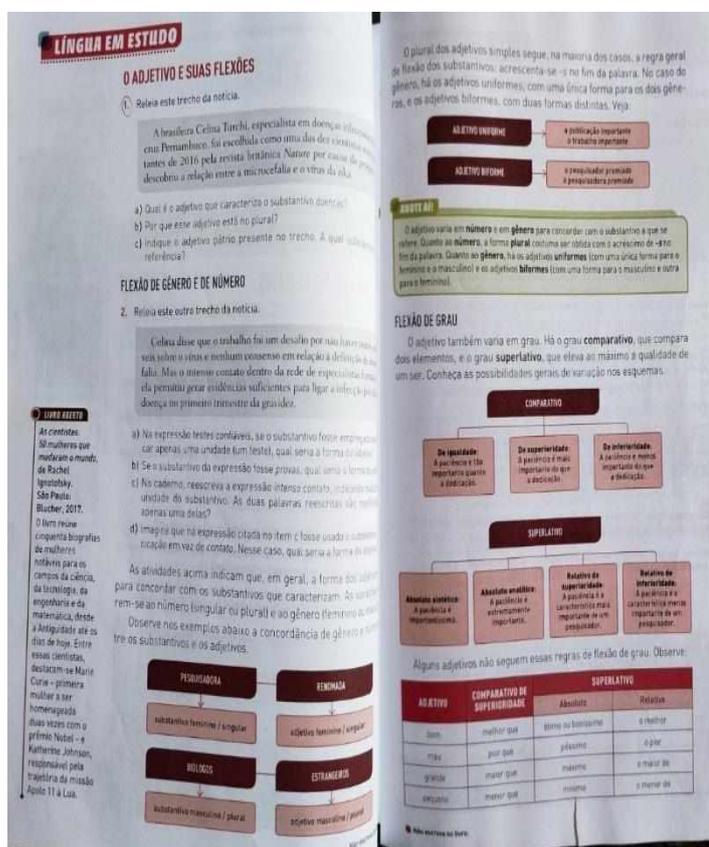
GRAU NORMAL	GRAU DIMINUTIVO	GRAU AUMENTATIVO
bone	bonequinho	bonecão
casca	casquinha, cascazito	casão, casarão
bolina	bolinha	bolona

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 94-95).

Nesse ponto, a abordagem trazida por Costa e Marchetti segue o mesmo parâmetro normativo que Cereja e Magalhães explorando a conceituação a partir das regras que as uniformizam, no entanto, nesse momento se diferenciam com uma abordagem construtivista, ainda que tênue, dos conceitos dispostos nessas páginas. Na seção **relacionando** na página 94, observa-se que os autores trazem informações externas às normas, todavia, relacionam com ocorrências da língua inglesa, desse mesmo modo, seria pertinente uma seção que trouxesse informações a respeito de ocorrências no Latim para preencher possíveis lacunas na abordagem do conteúdo. Assim, constatamos na Figura 27 que a respeito das irregularidades, os autores citam brevemente que “alguns substantivos, porém, formam o plural de diferentes maneiras de acordo com a terminação da palavra” (Costa; Marchetti, 2018, p. 94). Contudo, não

desenvolvem essa afirmação embasando-a com algum *corpus* explicativo. A análise continuada seguirá a partir dos recortes presentes na figura abaixo.

Figura 28 – Flexão dos adjetivos



Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 124-125).

Novamente os autores seguem a mesma linha de abordagem normativa, citada anteriormente, chamando a atenção para como tratam a conceituação da flexão do plural dos adjetivos no início da página 125, segundo eles: “O plural dos adjetivos simples segue, na maioria dos casos, a regra geral de flexão dos substantivos: acrescenta-se -s no fim da palavra” (Costa; Marchetti, 2018, p.125). A primeira indagação cabível a essa conceituação é: como identificar um adjetivo “simples”? Pois, ao desconsiderarem as possibilidades de construção dos adjetivos e seus plurais, destacando que os adjetivos simples recebem a terminação -s, não dá margem para que o aluno possa identificar quais são os adjetivos que acatam essa ocorrência e quais não seguem esse parâmetro.

Em face ao exposto, podemos constatar que nas proposições de ambos os livros existem nítidas lacunas no que tange à importância de um ensino contextualizado dos aspectos gramaticais da LP e, nesse sentido essas discussões a respeito das origens da LP forneceriam subsídios para tornar promissora a compreensão desses processos formativos. Ademais, no livro “Língua Portuguesa” dos autores Costa e Marchetti, notamos breves sinalizações para uma possível abordagem a partir do Latim, principalmente no conteúdo “Letras e fonemas”. Sendo essa uma edição que tem circulado recentemente, infere-se que as contribuições das pesquisas linguísticas voltadas às práticas de ensino vão refletindo gradualmente nas propostas que chegam à sala de aula.

Nesse cenário, é imprescindível que o professor busque ferramentas didáticas para construir uma abordagem que permita alicerçar efetivamente a compreensão de certos fenômenos linguísticos, promovendo o embasamento e o entendimento do comportamento regular ou irregular de algumas estruturas morfológicas, cedendo o espaço para a criticidade analítica. Para essa perspectiva, portanto, é necessário descentralizar o ensino das análises sincrônicas isoladas, desprendidas da sua história. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 97) ressalta a importância do estudo da gramática contextualizada pois ela “[...] está naturalmente incluída na interação verbal, uma vez que ela é uma condição indispensável para a produção e interpretação textos coerentes, relevantes e adequados socialmente”.

Desse modo, promove-se a produção e análises desses elementos, levando o aluno a confrontar-se com circunstâncias de aplicação das regularidades e irregularidades estudadas. Assim, é possível que as lacunas nas questões relacionadas às etimologias, ao processo de formação das palavras sejam atenuadas, e assim contextualizar o estudo de gramática, colaborando para o conhecimento maior do léxico. Nessa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) corrobora com algumas orientações para o ensino de LP: “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2018, p. 87). Essas orientações norteiam que o elemento principal nas aulas de português seja o trato da

língua como um fenômeno social, político, histórico, cultural e, principalmente, variável aos seus contextos de uso. A partir dessas reflexões, apresentaremos no próximo capítulo uma sequência didática direcionada aos docentes.

7 PROPOSTA DIDÁTICA: MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Esta proposta didática baseia-se nas reflexões propostas anteriormente, assim, as atividades descritas adiante se desenvolverão em cinco momentos que totalizarão uma sequência de oito aulas de 50 minutos, voltadas ao 6º ano do Ensino Fundamental II, podendo ser adaptada a outras séries. Os objetivos almejados a partir dessa sequência é propor reflexões sobre a presença do Latim e sua influência em aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais dos usos cotidianos da LP, além disso, possibilitar a percepção de como os fatores históricos a respeito da LP podem auxiliar na compreensão de fenômenos linguísticos observáveis no estudo gramatical da língua.

PROPOSTA DIDÁTICA

Título: A língua latina e sua influência no estudo da língua portuguesa

Área: Linguística

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 6º ano do Ensino Fundamental

Duração: 8 aulas de 50 minutos

Recursos:

- Computador;
- Projetor multimídia;
- Quadro;
- Pincel para quadro branco;
- Folhas a4;
- Caneta;
- Entre outros⁷.

⁷ Os recursos necessários podem ser pensados de acordo com a realidade escolar. O professor pode ampliar esses recursos ou mesmo reduzir.

Objetivos

- a) Propor reflexões sobre a presença do Latim e sua influência em aspectos usos cotidianos do português;
- b) Possibilitar a percepção de como os fatores históricos a respeito da Língua Portuguesa podem auxiliar na compreensão de fenômenos linguísticos observáveis no estudo gramatical da língua;
- c) Propor um reconhecimento dos radicais latinos nas palavras da língua portuguesa;
- d) Apresentar os fatores históricos a respeito da origem da língua portuguesa;

APRESENTAÇÃO (1 aula)

Considerando que o processo de aprendizagem requer estímulos que vão desde a metodologia da aula ao ambiente em que ela ocorrerá, sugerimos que neste momento introdutório, a fim de instigar os alunos para as aulas e os conhecimentos que serão desenvolvidos posteriormente, é importante mostrar-lhes a presença da língua latina em vocábulos da língua portuguesa.

Portanto, nesse momento, professor utilizará palavras, expressões em latim (dentro do contexto da turma) que são semelhantes às palavras em português para que os alunos identifiquem por associação a palavra correspondente em LP.

Sugestões	
<i>Omnibus</i>	Ônibus
<i>Successus</i>	Sucesso
<i>Amicus</i>	Amigo
<i>Vita</i>	Vida
<i>Numerus</i>	Número
<i>Scientia</i>	Ciência
<i>Aqua</i>	Água
<i>Centrum</i>	Centro
<i>Natura</i>	Natureza

(As palavras em latim serão impressas e distribuídas para as equipes após a explicação da atividade e será solicitado que eles escrevam a palavra correspondente em português)

Assim, o professor explicará que a turma irá identificar palavras da língua portuguesa através de palavras do Latim, e para isso sugere-se que sejam formados grupos de três ou quatro alunos, dependendo da quantidade de alunos da turma. Espera-se, neste momento, que eles percebam a semelhança entre palavras. Após o reconhecimento, para constatar a assimilação entre as semelhanças linguísticas, poderá indagá-los:

- Quais foram as suas primeiras impressões ao entrar em contato com palavras em Latim?
- Qual foi o grau de dificuldade que sentiram para concluir a atividade?
- Se já conheciam e/ou usaram essas palavras anteriormente.
- E, se já conheciam a origem delas.

Neste ponto, explicará que o motivo desses e de outros vocábulos latinos estarem presentes na língua portuguesa dá-se em vista da origem da LP.

2º MOMENTO (2 AULAS)

Neste momento, os alunos deverão reconhecer e compreender o processo de formação de palavras a partir da historicidade da Língua Portuguesa, e como as marcas do Latim apresentam-se em sua formação e flexão atualmente. Deve ser preparado previamente um material para ser apresentado por *slides*.

Nesse ponto, o docente perguntará aos alunos se eles sabem como as palavras são criadas ou como elas surgiram na língua portuguesa. Assim, os conhecimentos prévios deles sobre os processos de formação de palavras poderão ser verificados. É imprescindível estimular os alunos a refletirem sobre a língua como um fenômeno cultural, histórico, social, e, portanto, sensível aos contextos de uso. Por conseguinte, apresenta-se brevemente fatores sobre a língua portuguesa no Brasil e sobre as contribuições do Latim, do grego, assim como das línguas indígenas e africanas, principalmente no que se refere ao vocabulário.

Seguindo as discussões anteriores, o professor deve focalizar em apresentar através de *slides* os fatores históricos originários da Língua Portuguesa.

SUGESTÃO DE ROTEIRO PARA APRESENTAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS	
1°	<p>A língua portuguesa originou-se no latim, idioma falado pelos povos romanos que viviam na Península Itálica, atual região da Itália. O latim era a língua oficial do império romano. Existiam duas variantes da língua latina:</p> <p>Latim clássico: usado pelo clero, escritores e poetas; e utilizado na produção escrita e no ensino escolar.</p> <p>Latim vulgar: falado pela população em geral (soldados, comerciantes romanos, artesãos, agricultores etc.).</p> <p>Com a expansão do Império Romano, no século III a.C., a língua latina sobrepôs-se às demais línguas existentes na região da Península Ibérica. A variante latina imposta aos povos dominados e às regiões conquistadas foi o latim vulgar, a língua falada pelos soldados e colonos romanos.</p>
2°	<p>No século VIII d. C., a Península Ibérica foi invadida pelos povos árabes. Entretanto, a presença da língua árabe como língua oficial não suprimiu a língua latina – já modificada pelos povos que ali viviam na região ibérica. Contudo, houve uma influência cultural e literária dos povos árabes na constituição do galego-português.</p>
3°	<p>No século XI, com a expulsão dos árabes, o galego-português consolidou-se como a língua da Península Ibérica. Entretanto, com a acentuação das diferenças entre o galego e o português, o condado português oficializou a língua portuguesa como língua oficial da sua nação.</p>
4°	<p>A expansão da língua portuguesa pelo mundo inicia-se no século XV com as grandes expedições marítimas e com a expansão territorial portuguesa.</p>
5°	<p>A língua portuguesa chegou ao Brasil em 1500 juntamente com a expedição marítima de Pedro Álvares Cabral. Ao longo do processo de colonização do</p>

Brasil, o português foi imposto por meio da catequização dos índios pelos jesuítas.

A catequização jesuíta fez a língua portuguesa sobrepor-se às várias línguas indígenas, contudo, as línguas indígenas influenciaram fortemente a língua portuguesa falada no Brasil.

Adiante, com a chegada dos povos africanos, escravizados pelos Portugueses no Brasil, as línguas africanas também influenciaram e ampliaram o vocabulário português.

Após a apresentação dos fatos históricos, mostre-lhes a partir de um *corpus* como esses fatores refletiram na evolução linguística do Latim, Galego-português e Português.

LATIM	GALEGO-PORTUGUÊS	PORTUGUÊS
<i>Periculu</i>	<i>Perigoo</i>	Perigo
<i>Calente</i>	<i>Caente</i>	Quente
<i>Dolore</i>	<i>Door</i>	Dor
<i>Colubra</i>	<i>Coobra</i>	Cobra
<i>Candela</i>	<i>Candea</i>	Candeia
<i>Populu</i>	<i>Poboo</i>	Povo

Fonte: Teyssier (2014).

ADJETIVOS QUE RETOMAM A FORMA LATINA	
<i>Periculu</i>	Periculosidade
<i>Dolore</i>	Dolorido
<i>Populo</i>	Popular

Objetiva-se, após as explicações, levar os alunos a perceberem que o conhecimento histórico contribui para o entendimento de fenômenos linguísticos e para uma melhor apropriação da língua portuguesa. Portanto, deve-se enfatizar o significado dos elementos latinos na evolução e constituição dos vocábulos e ressaltar

a importância de se conhecer a origem das palavras ou a formação delas para sua compreensão em contextos diversos.

3º MOMENTO (2 AULAS)

Esse momento será destinado a observar e analisar peculiaridades das flexões de gênero e número do substantivo a partir do caráter histórico. O professor deverá levar para a sala dicionários de Língua Portuguesa que servirão como ferramenta de pesquisa para atividade proposta.

Possível dificuldade: Talvez seja necessário retomar brevemente a conceituação de substantivos para que se possa dar continuidade às discussões.

Com o auxílio do *Datashow* apresente a turma os seguintes anúncios:

Figura 29 - Sugestões de anúncios



Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)⁸.

Posteriormente, solicite aos alunos que escrevam em seus cadernos os plurais das palavras *mão*, *pão* e *fogão*. Indague-os sobre a forma obtida após a flexão,

⁸ Figura elaborada pelas autoras através do aplicativo *Canva*.

espera-se que eles observem que a transição desses vocábulos para o plural obedece a regras diferentes.

Possível dificuldade: Alguns alunos poderão, por assimilação, apresentar a forma “pães” e/ou “fogãos”, neste ponto, cabe ao professor conduzi-los mostrando-lhes a forma adequada do plural a partir de outras palavras semelhantes como, por exemplo: cão/ cães; promoção/promoções.

Coloque-os em equipes e distribua os dicionários de LP aos estudantes e peça que eles localizem outras palavras que seguem essas irregularidades. Ao final da atividade, explique que essas ocorrências podem ser justificadas pelas origens latinas, uma vez que, o plural das palavras terminadas em -ão varia segundo a sua terminação do plural em Latim. Assim, se a terminação era -anos, como em *orphanos*, em português o plural será -ãos (órfãos); ao plural em -anes, como *canes*, corresponde o português -ães (cães); por fim, ao plural -ones, como *actiones*, corresponde a terminação portuguesa -ões (ações).

Após as considerações sobre a importância do latim durante a flexão de número, tornar-se-ia pertinente observar particularidades históricas da flexão de gênero, para suscitar uma discussão, o professor poderá exibir a seguinte tirinha:

Figura 30 - Tirinha "O grama"



Fonte: Imagens Google (2023)⁹.

Nesse ponto, pode-se propor uma reflexão a respeito da etimologia distinta entre grama (*s. fem.*) que é proveniente do latim e faz referência à planta enquanto, grama (*s. masc.*) é uma palavra originária do grego e diz respeito a uma unidade de medida. Pode-se observar na tabela abaixo, outros exemplos de palavras em português que terminam com a desinência “a”, mas possuem a demarcação de gênero masculina em virtude da sua origem grega.

OUTRAS PALAVRAS DE ORIGEM GREGA
Programa
Sistema
Mapa

Questionamentos sugeridos:

- Por que o substantivo feminino *grama*, utilizado pelo açougueiro no primeiro quadrinho, não está adequado ao contexto da tirinha?
- Assim como grama, algumas outras palavras costumam causar dúvidas no que se refere ao gênero. Qual gênero é adequado para as palavras tomate, alface?

PALAVRAS EM PORTUGUÊS QUE TERMINAM EM “E” E PODEM CORRESPONDER AO GÊNERO MASCULINO OU FEMININO
Fonte
Cônjuge
Estudante

⁹ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/615937686526712367/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

4º MOMENTO (2 aulas)

Com auxílio de slides ou material impresso, o docente mostrará exemplos de como o latim está presente no cotidiano através de publicidades.

Figura 31 - Anúncios publicitários



Fonte: Imagens Google (2023)¹⁰.

Podem ser feitas breves considerações sobre a origem desses vocábulos, por exemplo:

- NATURA (*natura, -ae*): natureza.
- LUX (*lux, lucis*): Luz.
- BONO (*bonus, -a, -um*): Bom.

Para atividade que será realizada posteriormente, é importante ainda durante a apresentações dessas publicidades que sejam feitas observações a respeito do gênero anúncio publicitário, acerca do seu propósito comunicativo assim como sobre a sua estrutura.

Portanto, solicitará em seguida que eles criem um pequeno anúncio de um objeto a escolha deles, utilizando desenhos, recortes e, principalmente, vocábulos em

¹⁰ Disponível em: <https://www.portugues.com.br/gramatica/latim-uma-lingua-viva.html>. Acesso em: 14 set. 2023.

Latim para nomear o objeto exposto. Essa atividade poderá ser realizada em casa e trazida para o encontro seguinte.

5º MOMENTO (1 aula)

O professor iniciará este momento dispondo a turma em círculo para em seguida conduzir a socialização das produções. Assim, os alunos poderão externalizar livremente suas reflexões/comentários sobre as produções e sobre os momentos de aprendizagem. Espera-se a participação encadeada de toda a turma. Ao final, as produções poderão ser expostas em um mural na sala de aula.

AVALIAÇÃO

O processo avaliativo ocorrerá durante todas as etapas, o professor deverá considerar os seguintes critérios para observar e mensurar as participações nas atividades propostas.

- Capacidade do aluno para realizar inferências e estabelecer relações;
- Colaboração do aluno em trabalhos em grupos;
- Participação efetiva do aluno no desenvolvimento da proposta;
- Coerência nas apresentações das atividades elaboradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões dispostas neste trabalho, entendemos que compreensão sobre os aspectos históricos e evolutivos da LL mostra-se imprescindível para o entendimento de particularidades da LP, visto que foi por meio desse percurso histórico que houve o seu surgimento. Desse modo, é importante incluir no ensino de português abordagens que contextualizem as mudanças linguísticas desde o Latim e como elas impactam diretamente na compreensão da LP.

Assim, sendo o professor o mediador desse conhecimento, deve possuir em suas ferramentas pedagógicas materiais que lhe propiciem e que norteiem o trabalho com esse ensino contextualizado. O LD, portanto, apresenta-se como ferramenta basilar nesse aspecto, pois auxilia o professor e dispõe os conhecimentos ao alcance do aluno, estreitando a ponte do saber.

Dessa maneira, ao realizar a análise comparativa de livros didáticos de LP do 6º ano do Ensino Fundamental II, a fim de observar a evolução das propostas de conteúdos em que se faz necessário o estudo contextualizado, constatamos que questões pertinentes de serem tratadas pelo caráter histórico, mantiveram-se em lacunas de normas gramaticais descontextualizadas, inibindo a construção dos “porquês”, do entendimento de quais fenômenos estão envolvidos nas construções dessas particularidades gramaticais, ignorando aspectos etimológicos e a influência que o latim exerceu na formação do léxico do português.

Nesse sentido, a pesquisa alcançou os objetivos propostos, visto que fizemos um percurso histórico da origem da LP desde o latim e apresentamos características sobre a formação da língua portuguesa no Brasil. Consoante a isso, através das análises alicerçadas pelos aportes teóricos, buscamos um melhor reconhecimento da abordagem da origem da LP nos materiais escolhidos, bem como, a contextualização para a elaboração da proposta didática.

Além disso, observamos brevemente na edição “Língua Portuguesa dos autores Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti”, interposições de conceitos sobre

fenômenos evolutivos como: metaplasmos, comparações entre vocábulos em suas formas latinas. Assim, ainda que suscinta e desconexa, há uma sinalização da intenção de contextualização de fatores significantes.

Nessa perspectiva, diante das análises e da constatação das lacunas presentes, essa pesquisa propôs desenvolver uma contextualização de fatores históricos e suas influências na estrutura linguística desde o Latim Clássico até a formação da LP no Brasil para subsidiar as análises, bem como, uma proposta didática voltada ao 6º ano do Ensino Fundamental, objetivando auxiliar o trabalho docente a partir da perspectiva histórica. Foram propostas reflexões sobre a presença do Latim no cotidiano e sua influência histórica nos aspectos linguísticos da LP.

Desta forma, consideramos que esta pesquisa proporcionará aos docentes de língua portuguesa, um material que auxiliará no desenvolvimento de atividades que contemplem o estudo do processo de formação de palavras a partir do viés diacrônico a fim de trabalhar de maneira eficaz os fenômenos linguísticos que podem ser pontualmente compreendidos através da história.

No que tange às reflexões voltadas ao ensino, consideramos a maleabilidade das variadas estratégias aplicadas às diversas realidades, especialmente no que se refere à LP, que assim como qualquer língua, não é estática, e sempre é observável dentro da sua fluidez, assim, um trabalho nessa perspectiva é sempre um processo dinâmico, pois vai acoplando em si novas vozes, perspectivas e reflexões sobre uma mesma temática para construir outras formas de fazer e de aperfeiçoar as estratégias para os universos dentro de cada sala de aula. Nesta linha de pensamento, destacamos que esta pesquisa não conclusiva, pois poderá ser aperfeiçoada a partir de novos olhares.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé. **Aula de português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAUJO, Michelle de. **SERMO VULGARIS**: uma análise das proibições na língua, do latim à língua portuguesa. Florianópolis: UFSC, 2016.

ASSIS, Maria Cristina. **História da Língua Portuguesa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6963916Historiadalinguaportuguesa.html>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BAGNO, Marcos. **Gramática Histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

BOAS, Cristiane Max Serra Vilas. HUNHOFF, Dall'Comune. Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social. **Rev. MOINHOS**, Tangará da Serra, v.4, n.4, 2014

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**: Linguagens. Ensino Fundamental: 6º ano. – 9. ed. – São Paulo: Saraiva, 2015.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta. **Geração Alpha**: Língua Portuguesa: Ensino Fundamental: 6º ano. – 2. ed. – São Paulo: Edições SM, 2018.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

DUARTE, Marcelo. **Guia dos curiosos**: língua portuguesa. São Paulo: Editora Panda Books, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **História do português**. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; Basso, Renato Miguel. **História da língua**. Florianópolis: UFSC, 2010.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. A história externa da Língua portuguesa: do Latim ao Português. **Revista do DLCV/UFPB**, v. 16. João Pessoa- PB, 2020.

NETO, Serafim da Silva. **Fontes do latim vulgar**. Rio de Janeiro: FNF, 1946.

OLIVEIRA, Daniele Felizola. **Aspectos morfossintáticos das preposições à luz do funcionalismo**. Disponível em http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/2/lingua/Daniele_Felizola_de_Oliveira.pdf. Acesso em: 17 fev. 2023.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Emani. Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SPINA, Segismundo. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 20. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

VIARO, Mário Eduardo. **História das palavras: etimologia**. USP, 2003.